PIBID
na Educação Física

Uma proposta metodológica e
práticas para o ensino do esporte na escola

Rogério da Cunha Voser
Organizador

OIKOS EDITORA

PIBID na Educação Física

Uma proposta metodológica e práticas para o ensino do esporte na escola

Rogério da Cunha Voser
Organizador

PIBID na Educação Física

Uma proposta metodológica e práticas para o ensino do esporte na escola

Caderno Pedagógico de Educação Física – PIBID / UFRGS

E-book
2ª edição

2018

© Organizador – 2018
pibid@ufrgs.br

Editoração: Editora Oikos

Capa: Juliana Nascimento

Imagem da Capa: Kids Playing, por fleaz. iStockphoto vector #6972320

Revisão: Erny Mugge

Arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Conselho Editorial (Editora Oikos):
Antonio Sidekum (Ed.N.H.)
Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)
Danilo Streck (Unisinos)
Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)
Eunice S. Nodari (UFSC)
Haroldo Reimer (UEG)
Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)
João Biehl (Princeton University)
Luís H. Dreher (UFJF)
Luiz Inácio Gaiger (Unisinos)
Marluza M. Harres (Unisinos)
Martin N. Dreher (IHSL)
Oneide Bobsin (Faculdades EST)
Raúl Fornet-Betancourt (Aachen/Alemanha)
Rosileny A. dos Santos Schwantes (Uninove)
Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau
93120-020 São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848
contato@oikoseditora.com.br
www.oikoseditora.com.br

P584 PIBID na Educação Física: uma proposta metodológica e práticas para o ensino do esporte na escola. Cadernos Pedagógicos de Educação Física – PIBID/UFRGS [e-book]. / Organizador Rogério da Cunha Voser. – São Leopoldo: Oikos, 2018.

96 p.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-7843-763-3

1. Professor – Formação. 2. Prática pedagógica. 3. Ensino e aprendizagem. 4. Ensino – Educação Física – Esporte . I. Voser, Rogério da Cunha.

CDU 371.13

Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Agradecimento

Quero agradecer a todos os colaboradores (escolas, direção, supervisores, bolsistas, alunos e equipe de apoio do PIBID/UFRGS) que estão envolvidos de alguma forma no Subprojeto de Educação Física, pela dedicação e comprometimento ao longo de todo o andamento de nossas atividades.

Agradecimento em especial, à **Profª Drª Roselane Zordan Costella, Coordenadora Institucional do PIBID/UFRGS**, pela sua competência em liderar e nos apoiar em todas as nossas ações.

Sumário

Introdução 9

Contextualizando o PIBID na UFRGS 11

Contextualizando o Subprojeto da Educação Física
– esporte no Ensino Fundamental e Médio 14

Manifestações do esporte 17

Esporte educacional 19

Metodologia para o ensino dos jogos esportivos
no PIBID da Educação Física 22

Proposta dos jogos condicionados para
o ensino dos esportes 24

Atividades práticas: exemplos para o Futsal 27

Motivações para o ingresso no PIBID 38

Relatos de experiências 41

Considerações finais 93

Referências 95

Introdução

O PIBID é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores de educação básica. Seus projetos visam promover a inserção dos estudantes de nível superior no contexto das escolas públicas, desde o início da sua formação acadêmica, para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola.

Nesta perspectiva, este caderno pedagógico emerge das experiências construídas pelos bolsistas da Educação Física da UFRGS, no ambiente da escola.

Este caderno pedagógico tem como foco principal apresentar uma proposta metodológica e uma série de atividades práticas para o ensino do esporte no ambiente escolar. Por fim, discorre sobre as motivações iniciais e os relatos de experiências dos colaboradores deste subprojeto, ao longo destes dez meses de vivências (março a dezembro de 2014) dentro do cotidiano da escola.

Espera-se, através deste material produzido, contribuir com a formação de professores e futuros professores.

Contextualizando o PIBID na UFRGS

O PIBID/UFRGS é o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cujos recursos, provenientes da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) sob a forma de bolsas e de verba de custeio, e com a cooperação da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, permitem a realização de ações didático-pedagógicas nas escolas da Rede Pública Estadual na cidade de Porto Alegre.

No momento, o PIBID/UFRGS vem executando projetos nas áreas Artes Visuais, Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Dança – Anos Iniciais, Dança – Anos Finais, Educação Física – Esportes, Educação Física – Ens. Fundamental e Médio, Educação Física – Anos Iniciais, Filosofia, Física, Geografia, História, InterVale, InterSede, Letras – Francês, Letras – Espanhol, Letras – Português, Matemática, Música, Pedagogia Anos Iniciais, Pedagogia Anos Finais, Química e Teatro.

Os coordenadores dos respectivos projetos são todos professores efetivos da nossa Universidade, com temáticas de pesquisa e atuação profissional no âmbito da Formação de Professores e nos estágios de docência dos diferentes cursos de Licenciatura que integram o Programa. A realização do trabalho pedagógico dos nossos licenciandos, no interior de cada uma das escolas, conta com a supervisão e o acompa-

nhamento dos professores da Rede Pública do Estado, consolidando-se, assim, uma parceria entre Universidade e Escola na formação dos futuros profissionais da Educação Básica.

Alguns dos objetivos do PIBID/UFRGS são:

1. Incentivar a formação de docentes em nível superior para a Educação Básica, junto às escolas públicas no RS;

2. Contribuir para a valorização do magistério;

3. Elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, através da integração de ações entre a universidade e as escolas de Educação Básica;

4. Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes, de caráter inovador e interdisciplinar, que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem e que vem sendo trabalhadas na pesquisa nas diferentes áreas de conhecimento específicas;

5. Incentivar as escolas públicas de Educação Básica como instituições co-formadoras na formação inicial para o magistério;

6. Contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura da UFRGS, tendo como base os resultados de pesquisas na interface das áreas educacionais com as áreas de conhecimento específicas;

7. Socializar a produção de saber em torno das experiências de sala de aula realizadas e dos processos de inserção escolar.

Entre as metas dos subprojetos estão:

1. Possibilitar a melhoria do ensino a cada ano deste projeto para os alunos da Educação Básica, das escolas conveniadas.

2. Fortalecer o espaço institucional dos cursos de licenciatura na Universidade, despertando o interesse dos alunos da Graduação pela realização desses cursos.

3. Qualificar o trabalho pedagógico de Professores Supervisores das escolas conveniadas.

4. Incentivar a permanência e futura atuação docente em escolas públicas dos alunos dos cursos de Licenciatura envolvidos no Projeto.

5. Produzir e socializar materiais didáticos, estratégias metodológicas e produtos educacionais derivados das ações realizadas por cada um dos subprojetos que compõem o Projeto institucional deste Edital PIBID 2013; e

6. Publicação com caráter de divulgação científica das experiências desenvolvidas no âmbito deste projeto Edital 2013 e do Programa PIBID-UFRGS como um todo.

Contextualizando o Subprojeto da Educação Física – Esporte no Ensino Fundamental e Médio

Este subprojeto faz parte de um dos três grupos de trabalho da Educação Física; foi pensado no segundo semestre de 2013 e colocado em prática no início do primeiro semestre de 2014. Tem como objetivo principal estimular o desenvolvimento da formação integral dos alunos das escolas públicas através de uma proposta baseada na vertente do esporte educacional. Com isso, busca, por meio de atividades esportivas, promover a inclusão, a diversidade e o trabalho interdisciplinar.

Esta ação se dá na área da licenciatura da Educação Física, em modalidade presencial, com atuação no nível de Ensino Fundamental e Médio, de três escolas públicas estaduais, situadas na cidade de Porto Alegre. Como participantes, fazem parte da equipe: um coordenador de área, três supervisores e dezesseis alunos bolsistas da Escola de Educação Física da UFRGS.

Coordenador: Dr. Rogério da Cunha Voser
rogerio.voser@ufrgs.br

Escola Estadual Ensino Médio Professor Júlio Grau

Av. Brino, 350 – Santa Maria Goretti – Porto Alegre – RS – Tel.: (51) 3342-9858

Supervisora: Patrícia Frota Muller – Educação Física
tricia.frotta@yahoo.com.br

Alunos Bolsistas

1. Wilian Antiqueira da Luz – Educação Física
2. Alam Camejo Sena – Educação Física
3. Leonardo da Silva Lima – Educação Física
4. Eduardo Araújo Maciel – Educação Física
5. Marcelo Farion Rodrigues – Educação Física
6. Letieli Cristina de Souza – Educação Física

Escola Estadual Plácido de Castro

Rua Américo Vespúcio, 615 – Higienópolis – Porto Alegre – RS – Tel.: (51) 3343-1503

Supervisor: André Luis Campos Cupertino – Educação Física
cupertino.andre@yahoo.com.br

Alunos Bolsistas

1. Matheus Mesquita de Souza – Educação Física
2. Marcelo Gerwer Ginar Telles – Educação Física
3. Alexandre Brod Farias – Educação Física

4. Eduardo Claus Farias da Rosa – Educação Física
5. Eduardo Rodrigues Oliveira – Educação Física
6. Miguel Cerva Melo – Educação Física

Escola Estadual Ens. Fund. Padre Theodoro Amstad

Rua Valentim Vicentini, 255 – Iapi – Porto Alegre – RS – Tel.: 3341-6002

Supervisor: Carlos Alberto Carboni – Educação Física
carlosacarbonif@hotmail.com

Alunos Bolsistas

1. Daiane Pinto dos Santos – Educação Física
2. Thaís Coutinho Toscano de Oliveira – Educação Física
3. Alexandre Rossoni da Rocha – Educação Física
4. Matheus Lima Moraes – Educação Física

Manifestações do esporte

Fonte: Programa Segundo Tempo.

A Constituição Brasileira de 1988, no seu art. 217, prevê que os recursos públicos sejam prioritariamente destinados à promoção do esporte educacional. A Lei nº 9.615/98, batizada como "Lei Pelé", regulariza o esporte no país, caracterizando-o nas seguintes manifestações:

Esporte Educacional: praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer.

Esporte de Participação: praticado de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e da educação e preservação do meio ambiente.

Esporte de Rendimento: praticado segundo normas gerais dessa lei e das regras de práticas desportivas – nacional e internacional –, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do país, e estas com outras nações.

Em relação ao esporte educacional, que é o foco desta produção, cabe destacar a Carta Internacional da Educação Física e do Esporte da UNESCO (1978) que diz: "Todo ser humano tem o direito fundamental de acesso à educação física e ao esporte, que são essenciais para o pleno desenvolvimento da sua personalidade. A liberdade de desenvolver aptidões físicas, intelectuais e morais, por meio da educação física e do esporte, deve ser garantido dentro do sistema educacional, assim como em outros aspectos da vida social."

Esporte educacional

Fonte: Programa Segundo Tempo.

Muito se discute sobre o modelo de esporte praticado e estimulado nas escolas. Para tanto, algumas questões iniciais precisam ser levantadas de modo a propiciar reflexões:

1. Nossas escolas públicas possuem espaço físico e materiais adequados para a prática dos esportes?

2. Os professores estimulam outras vivências esportivas, além daquelas tradicionais (futebol, futsal, vôlei, etc.)?

3. As metodologias utilizadas para o ensino-aprendizagem dos esportes na escola vão ao encontro das necessidades, interesses e motivações dos alunos?

4. Além da técnica e da tática, quais comportamentos e valores são incorporados por meio da prática dos esportes da escola?

5. O esporte da escola é desenvolvido junto de outras disciplinas, acionando a trans e a multidisciplinaridade por meio de projetos educacionais integrativos?

6. Os professores estão atualizados e capacitados no que se refere às questões conceituais, procedimentais e atitudinais que envolvem o ensino dos esportes?

7. Nas competições escolares se valorizam outros aspectos além do "vencer" e ser "campeão"?

Observa-se que as aulas na maioria das vezes colocam o foco no aprendizado da técnica, com a aplicação de metodologia analítica, muito parecida com a que é proposta no esporte rendimento. Este modelo de aula é caracterizado pela repetição, seletividade, exclusão, e pela aplicação do jogo com as regras institucionalizadas.

O esporte da escola por sua vez deve preconizar a formação integral do aluno/cidadão, devendo propiciar a participação de todos, estimulando a inclusão e a diversidade. Estas aulas devem ser alegres e desafiadoras.

Nossa convicção é que a escola deve ser transformadora. O ensino dos esportes prepara para a vida. A prática dos esportes ensina à criança noções básicas de cidadania, de respeito às regras, a trabalhar coletivamente, a ganhar e perder.

Para o esporte tornar-se fator de emancipação individual e, consequentemente, coletiva, alguns preceitos devem ser respeitados, como:

1. Inclusão de todos: criar condições, possibilidades e oportunidades para que as crianças e os jovens tenham acesso à prática esportiva;

2. Construção coletiva: elaborar e desenvolver, juntamente com os educandos, os programas pedagógicos para levar em consideração suas necessidades e expectativas;

3. Respeito à diversidade: reconhecer e respeitar as diferenças dos alunos em relação à etnia, ao gênero, ao biótipo, além de repertórios e habilidades.

4. Educação integral: ser meio de aprendizagem equilibrada, além da dimensão física, como desenvolvimento das capacidades psíquica, afetiva e social;

5. Rumo à autonomia: compreender a prática esportiva como ação emancipatória para a formação de um cidadão ativo, crítico e criativo.

Figura 1: Princípios do Esporte Educacional

Fonte: Instituto Esporte Educação.

Metodologia para o ensino dos jogos esportivos no PIBID da Educação Física

Figura 2: Metodologia Triangular para o Ensino do Esporte Educacional

Fonte: IEE – Instituto Esporte e Educação.

O que se observa geralmente no ambiente da escola são a aplicação de dois modelos: um primeiro, onde o professor apenas ministra algum alongamento e aquecimento e, em seguida, larga a bola para os alunos jogarem, "largobol"; e um segundo, onde é aplicado um modelo analítico de ensino, com repetições, preocupação somente com o gesto motor, longas colunas, jogo formal.

A metodologia proposta neste subprojeto desenvolvido pelos bolsistas do PIBID propõe o ensino-aprendizagem dos esportes, utilizando uma abordagem global-funcional. A metodologia proposta enfoca os "jogos", sejam eles recreativos, pré-desportivos, situacionais (GRECO e BENDA, 2006) ou condicionados. São métodos de ensino que enfatizam os aspectos tático-cognitivos do esporte, a compreensão tática, a importância do entendimento do jogo e da tomada de decisão.

Kröger e Roth (2005), através da utilização de variados jogos com bolas diversas, propõem um desenvolvimento cognitivo e motor de crianças dando bases para que possam ingressar no treinamento específico de algum esporte com bola, com habilidade suficiente para o aprendizado.

O método centrado "no jogo" diferentemente do analítico-sintético não é dividido em fundamentos técnicos (passe, condução, etc.), e sim, em unidades funcionais, criando etapas de ensino correspondentes aos diversos níveis de relação, segundo Garganta (1995):

- **Eu – bola**: Familiarização com a bola e seu controle;
- **Eu – bola – alvo**: Objetivo do jogo, finalização;
- **Eu – bola – adversário**: Atenção sobre a oposição existente no jogo, conservação da posse da bola, busca do objetivo, drible, 1x1;
- **Eu – bola – colega – adversário**: Desmarque, passe, contenção, jogo 2x2.
- **Eu – bola – colegas – adversários**: Criação e anulação de linhas de passe, coberturas, penetração, 3x1, 3x2, 3x3;
- **Eu – bola – equipe – adversários**: Jogo formal, aplicação dos princípios do jogo.

Proposta dos jogos condicionados para o ensino dos esportes

Fonte: Programa Segundo Tempo.

São jogos de regras simplificadas ou modificadas, em que podem ser alterados o tipo de bola, o número de jogadores, as traves, as dimensões da quadra ou se pode, até mesmo, enfatizar algum componente da técnica ou da tática. O objetivo desses jogos é promover a compreensão dos componentes do jogo pela prática de situações reais.

Criam-se alternativas em que a finalidade é repetir essas circunstâncias por diversas vezes. Nesse modelo, o aluno/atleta executa e aprende os objetivos propostos, mas também pratica o desporto futsal e suas relações, ou seja, ataque, defesa, fundamentos técnicos, regras... (BALZANO, 2007).

Segundo Garganta (1998), são jogos voltados para o todo, nos quais as relações das partes são fundamentais para a compreensão da atividade, facilitando o processo de aprendi-

zagem da técnica. As ações técnicas são desenvolvidas com base nas ações táticas, de forma orientada e provocada.

Conforme a lógica dessa proposta, para ensinar qualquer jogo desportivo coletivo, o processo deve estar centrado nos jogos condicionados, em que, do jogo, parte-se para as situações particulares; o jogo é decomposto em unidades funcionais (e não em movimentos técnicos), e o seu desenvolvimento ocorre de forma sistemática e com complexidade crescente.

Tem-se, como consequência dessa proposta, o aparecimento das técnicas em função da tática (ação desencadeada em função da lógica do jogo), de forma orientada e provocada (pelas situações de jogos) e também o surgimento da inteligência tática, que nada mais é do que a correta interpretação e aplicação dos princípios do jogo, através de uma viabilização criativa da técnica nas ações do jogo.

Nos jogos desportivos coletivos, o problema fundamental que se coloca ao indivíduo que joga é essencialmente tático. Trata-se de resolver uma situação várias vezes e simultaneamente, cascatas de problemas não previstos a priori na sua ordem de ocorrência de frequência e complexidade.

Essa prática tem as seguintes vantagens: proporciona um aprendizado prazeroso, inteligente e eficaz; serve para o aquecimento ao treino ou à aula; aprendizado do jogo através de situações reais; trabalha o coletivo; desenvolve a parte coordenativa; estimula a tomada de decisão; favorece a leitura do jogo; estimula a visão periférica; estimula o cognitivo; desenvolve a técnica individual; desenvolve os aspectos táticos; desenvolve a capacidade técnica e tática de forma simultânea; estimula o espírito competitivo.

Didática para a execução dos jogos

- Material apropriado para realização dos jogos.
- Local demarcado para realizar os jogos.
- Ter claro os objetivos propostos pelos jogos.
- Ao separar as equipes tentar não repeti-las constantemente.
- Explicações claras a respeito dos jogos.
- Esclarecer as dúvidas que surgirem durante a realização dos jogos.
- Corrigir sempre que necessário os jogos e estimular os alunos.
- Paralisar os jogos se as regras forem violadas.
- Permitir a participação dos alunos na elaboração ou proposição das regras.

Atividades práticas: exemplos para o Futsal[1]

Fonte: Livro Iniciação ao Futsal: uma abordagem recreativa.

1. Futvôlei

Duas equipes, cada uma de um lado da quadra. Um aluno lançará a bola com o pé para o outro lado da quadra. Os jogadores da quadra adversária poderão dar quatro toques sem utilizar as mãos. A bola poderá quicar uma vez no solo.

Objetivos: estimular controle, domínio, passe e tempo de bola.

2. Mantenha a área livre

Cada equipe pode manter-se somente em seu campo de jogo. Cada jogador está de posse de uma bola que deverá ser chutada em direção ao campo adversário após o início do jogo.

[1] VOSER, 2014; BALZANO, 2007.

Depois disso, cada equipe se esforça para manter seu campo o mais livre possível de bolas, fazendo devoluções rápidas (chutes de todas as posições). No final de cada tempo, são contadas as bolas que se encontram em cada lado. Vence a equipe que tiver o menor número de bolas.

Objetivos: propiciar situações de chute de bola.

3. Bola desalojada

Cada uma das equipes encontra-se atrás de sua linha de ataque. Por meio de chutes dirigidos a uma bola terapêutica ou a uma bola de basquetebol colocada no centro da "terra de ninguém", cada equipe tentará conduzi-la para além da linha de ataque do adversário. A bola só poderá ser "desalojada" por meio de chutes. Cada resultado positivo conta ponto.

Objetivos: propiciar chutes com direção.

4. Na área vale gol

Serão formadas duas equipes com o número igual de participantes. Uma das equipes coloca-se em torno da linha da área. A outra equipe terá cada aluno com uma bola. Esses alunos ficarão espalhados perto da linha do tiro livre dos 12 metros. Ao sinal dado pelo professor, a equipe que está com as bolas irá em direção ao adversário, tendo de driblá-lo, entrar na área e tentar marcar o maior número de gols possível. Não haverá goleiro. As bolas chutadas para fora ou que entrarem em gol não poderão entrar novamente em jogo. A equipe que estava na marcação passa a atacar, e a que estava atacando passa a defender. Vencedora será a equipe que marcar mais gols.

Objetivos: propiciar situações de ataque x defesa, promover o drible e a marcação e estimular ações estratégicas tanto de ataque como de defesa.

5. Touch down

Em campo reduzido e sem traves, são formadas duas equipes de cinco a seis alunos. As equipes devem levar a bola até a linha de fundo do adversário. Para marcar ponto, o aluno deve chegar à linha conduzindo a bola.

Objetivos: propiciar situações de ataque x defesa e situações que promovam a condução de bola em velocidade.

6. Ataque contra defesa

São formadas duas equipes. O jogo desenvolve-se na meia quadra. Uma equipe só ataca e a outra só defende. Quando os que estão marcando roubarem a bola dos atacantes, deverão jogá-la para fora. O professor marca um tempo e inverte as funções das equipes.

Objetivos: desenvolver noções táticas. Estimular a melhora de possíveis problemas na marcação ou no ataque.

7. Futsal com quatro goleiras

Cada equipe escolherá a sua goleira lateral e de fundo. As equipes podem fazer gols em duas goleiras e têm de defender as suas duas.

Objetivos: propiciar a coletividade, marcação e o ataque. Comunicação entre companheiros de equipe. Distribuição dos atletas por setores. Desenvolver situações táticas. Dinamismo de jogo, com inúmeras situações de ataque e defesa.

8. Sem goleiro, só vale gol dentro da área e é livre o número de passes

Objetivos: promover o aquecimento. Estimular a descontração do grupo. Trabalhar situações de gol próximas ao gol.

9. Sem goleiro, só vale gol dentro da área e só se podem dar dois toques na bola

Objetivos: promover o aquecimento. Desenvolver a velocidade ao jogo, passes rápidos e precisos. Estimular a coletividade. Promover a habilidade e o controle de bola.

10. Sem goleiro, livre o número de toques e só vale gol de cabeça

Objetivos: serve para o aquecimento. Descontração do grupo. Trabalham-se bastante as bolas erguidas, ganchos, lançamentos e cabeceios.

11. Regra normal e só vale um toque na bola

Objetivos: velocidade ao jogo. Passes rápidos e precisos. Roubar a bola já tendo que armar o jogo. Jogar sempre de cabeça erguida. Desenvolve a visão periférica. Aproximação para receber a bola.

12. Futsal com o pé ruim

Amarra-se uma fita na perna em que o jogador tem mais dificuldade de controlar a bola.

Objetivos: estimular que o jogador trabalhe também com a perna em que tem dificuldade. Servir de incentivo para que mais tarde ele realize um trabalho em separado. Automatizar o gesto técnico. Criar confiança para que, se acontecer uma situação no jogo, ele a realize.

13. Minifutsal com bolinha de tênis

São formadas duas equipes. A quadra tem suas dimensões reduzidas. No lugar das traves são adaptados dois cones. A bolinha deve ser de tênis, pois esta exige maior controle de bola. No restante, a bola deve ser a mesma.

Objetivos: estimular o domínio de bola dentro da própria realidade de jogo. Proporcionar a descontração e a alegria do grupo.

14. Dois contra dois com campo reduzido

Objetivos: desenvolver situações de equilíbrio entre o número de jogadores de defesa e ataque. Estimular as jogadas individuais. Proporcionar um trabalho dinâmico e anaeróbico.

15. Um contra 2

O jogo se realiza em meia quadra. Há um goleiro fixo, dois jogadores de defesa e um atacante. O jogo consiste em o atacante realizar dribles sobre os defensores, fazendo gols. O jogador defensor que rouba a bola passa a ser o atacante, e o atacante anterior passa a ser defensor.

Objetivos: estimular situações de drible, marcação e a cobertura, além de inúmeras defesas do goleiro.

16. Futsal com gancho

As regras são normais. Só que o passe tem de ser de gancho.

Objetivos: serve como aquecimento e para estimular o passe de gancho, que é muito utilizado no futsal.

17. Os jogadores de defesa não podem passar para o ataque e nem os atacantes entrar na zona de defesa

Durante o jogo, os jogadores invertem suas funções.

Objetivos: desenvolver noções táticas. Estimula a coletividade. São divididas as tarefas de armação e marcação e de ataque.

18. Futsal aos pares

Os alunos formarão duas equipes. Cada equipe será dividida em duplas que ficarão de mãos dadas. O jogo terá as suas regras normais. As duplas não podem se soltar.

Objetivos: serve como aquecimento. Estimula a sociabilização do grupo. Aumenta o grau de dificuldade para o controle de bola.

19. Bola nas mãos e nos pés

Os alunos serão divididos em duas equipes. Durante o jogo, além da bola de futsal, cada equipe terá, em mãos, a posse de uma bola de vôlei (handebol). O jogo transcorrerá normalmente, só que o aluno que tiver a bola de vôlei nas mãos não poderá receber a bola de futsal com os pés e nem desarmar o adversário. Para que esse aluno participe da jogada, ele deverá passar a bola de vôlei para outro colega de equipe. Dessa forma, além do jogo de futsal transcorrer normalmente, ao longo da partida todos serão obrigados a realizar passes com as mãos.

Objetivos: coordenação motora de membros superiores e inferiores. Raciocínio rápido. Velocidade de reação. Estimula a criatividade.

20. Cinco contra cinco com três estacas

Serão colocadas como traves três estacas (cones), uma em cada linha de fundo e uma no centro da quadra. O gol será marcado quando um aluno de uma das equipes acertar na estaca.

Objetivos: promover o aquecimento. Estimular a coletividade. Promover a sociabilização.

21. Jogo com três traves

Duas equipes se enfrentam em meia quadra de futsal, tendo uma equipe um gol para defender e dois gols para atacar. Já a equipe contrária terá dois gols para defender e um para atacar. O jogo é dividido em dois tempos, de modo a inverter as situações.

Objetivos: estimular ora mais a marcação, ora mais o ataque. Despertar a coletividade. Possibilitar o trabalho tático.

22. Caranguejobol

O jogo será disputado como os jogadores na posição de caranguejo.

Objetivos: estimular a sociabilização e a integração do grupo. Promover o aquecimento. Desenvolver os grupos musculares como um todo.

23. Jogo pelas laterais

Jogo em quadra polivalente. Não será realizado nenhum fundamento no espaço da quadra de vôlei. Esse espaço será permitido somente para deslocar-se. O jogo acontecerá pelas laterais da quadra.

Objetivos: estimular uma situação tática de utilização das laterais da quadra. Propiciar o passe de gancho.

24. Jogo com traves viradas

Os alunos serão divididos em duas equipes. As traves serão deitadas sobre a linha da área com a cobertura direcionada para o fundo. O jogo não tem goleiro. O restante das regras se mantém.

Objetivos: promover o aquecimento. Estimular a sociabilização do grupo. Proporcionar raciocínio rápido.

25. Trave móvel

O jogo consiste em duas equipes com um número igual de alunos. Uma dupla de cada equipe carregará no ombro a ponta de um mesmo bastão com o comprimento em torno de dois metros, formando uma trave móvel. Cada dupla deverá deslocar-se livremente, visando beneficiar a marcação de gols por parte de seus companheiros e dificultando os gols dos adversários. A cada gol feito, as duplas poderão ser trocadas. Valerão gols feitos de ambos os lados da trave.

Objetivos: desenvolver a visão de jogo. Servir como aquecimento. Estimular a sociabilização e a coletividade do grupo.

26. Cubículo

Serão formadas duas equipes com número igual de componentes. O jogo será executado valendo dois toques na bola, sem goleiro e com o gol válido somente dentro da área. Para que o gol seja válido, todos os jogadores da equipe deverão estar colocados na meia quadra de ataque. Se algum jogador de defesa do adversário estiver na quadra de ataque, no momento do gol, este valerá por dois.

Objetivos: promover o aquecimento. Estimular o ataque e a defesa em bloco. Velocidade no jogo, com passes rápidos e precisos. Deslocamento sem bola. Proporcionar a coletividade e espírito de grupo.

27. Jogo com coringa

O jogo transcorrerá com as regras normais, porém terá um aluno vestindo um jaleco de cor diferenciada dos demais. Sua única função será atacar, independentemente da equipe.

Objetivos: proporcionar ao aluno coringa muitas situações de jogadas de ataque. Proporcionar situações de vantagem e desvantagem numérica a todo o momento.

28. Futsal com vários tipos de bola

Divide-se a turma em duas equipes com o número igual de componentes. A cada cinco minutos, o professor troca o tipo de bola que está sendo usada no jogo. Exemplos: bola de meia, de tênis, de borracha, vôlei, futebol e futsal.

Objetivos: propiciar o manuseio dos vários tipos de bolas. Estimular a coordenação motora.

29. Futsal com duas bolas

Divide-se a turma em duas equipes. O jogo acontece com as regras normais, só que com duas bolas ao mesmo tempo.

Objetivos: possibilitar a atenção, o espírito de grupo e a coletividade.

30. Jogo do passe com o pé direito e o pé esquerdo referente ao lado da quadra

Jogo de futsal normal, mas a quadra é dividida pela metade, na vertical. Utilizar a perna direita no lado esquerdo da quadra e a perna esquerda no lado direito.

Objetivos: desenvolver a aproximação, atenção, visão periférica, noção de ataque/defesa, coordenação motora, noção espacial, procura de espaços vazios e velocidade de execução.

31. Jogo ao sinal do apito muda o tipo de passe

Jogo de futsal normal, mas o tipo de passe a ser feito deverá estar de acordo com o número de silvos que o profes-

sor executar. Ex.: um silvo, lado interno; dois silvos, gancho; três silvos, sola. Pode também criar tipos de passes e executá-los de acordo com o número de silvos.

Objetivos: desenvolver o passe, a finta, recepção, o chute, os deslocamentos e a marcação. Estimular a aproximação, a atenção, visão periférica, noção de ataque/defesa, coordenação motora, procura de espaços vazios e velocidade de execução.

32. Jogo do passe com o pé direito no ataque e com o pé esquerdo na defesa

Jogo de futsal normal, mas na quadra de defesa utilizar a perna direita, e na quadra de ataque, a perna esquerda. Variação: executar o jogo ao contrário.

Objetivos: desenvolver o passe, a finta, a recepção, o chute, a antecipação, os deslocamentos e a marcação. Estimular a aproximação, atenção, visão periférica, noção de ataque/defesa, coordenação motora, noção espacial, procura de espaços vazios e velocidade de execução.

33. Jogo do número de toques na bola por função do jogador na quadra

Jogo de futsal normal, mas cada jogador tem um limite de toques na bola de acordo com sua função na quadra. fixo, um toque; alas, dois toques, e pivô, três toques; goleiro, livre.

Objetivos: desenvolver passe, recepção, marcação, antecipação, deslocamentos. Estimular a aproximação, atenção, visão periférica, percepção espacial, noção de ataque/defesa, procura de espaços vazios, noção das funções no futsal e velocidade de execução.

34. Jogo do passe e faz o exercício

Jogo de futsal normal, mas toda a vez que o jogador realizar um passe, terá de sair da quadra, ir a um determinado local predefinido e realizar um exercício. A variação é poder utilizar mais jogadores.

Objetivos: estimular o passe, a desvantagem e vantagem numérica, e a parte física.

35. Jogo do par e ímpar

Jogo de futsal com dez jogadores de cada lado e sem goleiro fixo. Só vale gol dentro da área. O jogo inicia com cinco jogadores em cada equipe e cinco jogadores sentados no chão da quadra. Os cinco iniciantes de cada equipe serão o par, e os cinco sentados, o ímpar. O jogo inicia com os jogadores pares de cada equipe se enfrentando. Ao sinal do apito, todos os jogadores pares das duas equipes sentam no local onde se encontravam e os dez jogadores ímpares se levantam e seguem o jogo. Deve-se ressaltar que, no momento do apito, o jogador de posse de bola deverá deixá-la parada e sentar rapidamente. Outra informação importante é que os jogadores que estão sentados não podem participar do jogo.

Objetivos: estimular atenção, velocidade de reação, tomada de decisão, situações de ataque e contra-ataque.

36. Jogo de 3 X 1

Os alunos são divididos em trios. Na frente da área, protegendo o goleiro, fica um marcador. Ao sinal, os trios trocam passes com as mãos em direção ao gol, de maneira que o marcador não os intercepte. Para concluir a gol, só vale de cabeça.

Objetivos: estimular o passe, as linhas de passe, as estratégias coletivas, a marcação e o cabeceio.

Motivações para o ingresso no PIBID

O quadro abaixo se refere às motivações descritas pelos bolsistas no momento da inscrição para o processo seletivo de entrada no PIBID/UFRGS. Optou-se em descrever os recortes mais importantes que foram relatados.

Quadro 1: Respostas dos bolsistas selecionados em relação às motivações para ingressar no PIBID

Motivações para o ingresso no PIBID
"Minha mãe é professora... eu estudei em escola pública... PIBID tem um conceito bom na Universidade... O conteúdo trabalhado na teoria na graduação é colocado em prática..." ACS1
"Oportuniza ao futuro professor vivenciar o dia a dia da escola pública conhecendo a clientela e enfrentando desde cedo os desafios que aparecerão... Só o estágio obrigatório é pouco para os desafios que a escola pública exige..." ABF2
"...além de agregar muito ao meu currículo em uma futura oportunidade de emprego na rede pública de educação, seria uma grande chance de adquirir experiência e conhecimento em nossa atividade fim; afinal estamos sendo formados para sermos professores... me agrada muito contribuir para a formação de crianças e adolescentes, me traz grande satisfação e motivação para seguir em frente..." ARR3
"Qualificar para a área de licenciatura... permitirá compartilhar e trocar experiências... será um excelente desafio, pois será possível enfrentar as mais diversas situações, permitindo a reflexão sobre a experiência e a prática..." DPS4

"Adquirir experiência para minha carreira profissional... pretendo desmistificar que a Educação Física não precisa de professor, bastando apenas uma bola... Como já estudei em colégio público, sei que há uma maior diferença entre estilos e interesses por parte dos alunos... transformando a aula em um aprendizado não só para mim, como para os estudantes." EAM5
"Entendo que a vivência na sala de aula é muito importante para a nossa formação... Acredito que é muito interessante conhecer uma nova realidade, um novo espaço, uma nova comunidade... Tenho a intenção de utilizar toda a bagagem que a graduação e minhas experiências anteriores me dão, a fim de proporcionar intensas e valiosas vivencias para os educandos... Acredito que será uma experiência enriquecedora, e que trará vivencias e conhecimentos somente adquiridos na pratica." ECFR6
"A oportunidade de trabalhar no ambiente escolar e ajudar a formar cidadãos... trabalhar a disciplina desde as series iniciais é muito importante para o desenvolvimento de habilidades... é uma experiência que preciso ter para me testar... tenho muito para aprender sobre a docência com a intervenção dos coordenadores, todos devem ter muito a oferecer..." ERO7
"Escolhi a Educação Física porque acredito que a educação, de uma maneira geral, junto a atividade física, seja um campo favorável desde a idade inicial até a terceira idade..." LSL8
"Durante esse período de aprendizado na graduação encontro algumas dificuldades em pensar a escola como é de fato... Gostaria desde já conhecer qual o perfil dos que lá estão, compreender seus contextos de vida e assim viver a profissão efetivamente..." LCS9
"Minha vontade é experienciar o papel de professor em escola pública... visando diversificar as atividades... Meu principal foco é realmente aprender... ajudar as pessoas a desenvolver melhor suas capacidades motoras e psicológicas." MFR10

“Conheci o programa através de uma palestra... o PIBID pode ser um grande passo na minha formação como professor... busco adquirir experiência... me certificar de que esta é a área certa para meu futuro como educador.” MGGT11
“Desempenhar a docência momentaneamente e futuramente... possuo disponibilidade de horário para cumprir minhas obrigações.” MLM12
“Minhas aulas de Educação Física sempre foram muito monótonas e maçantes... Ajudar a construir um indivíduo que saiba o valor da coletividade, do respeito, suas qualidades e defeitos... Como professores somos responsáveis pela educação e bom direcionamento de nossas crianças...” MMS13
“Tenho interesse nesse programa desde que fiquei sabendo de sua existência... fiz um estágio obrigatório na Educação Infantil e gostei muito, foi minha primeira experiência... considero que o PIBID seja a melhor opção para todos aqueles que querem realmente se tornar professores.” MCM14
“Será muito importante para o meu crescimento profissional e um grande aprendizado... vivenciar a realidade do ensino público, suas condições de trabalho e estrutura... Com o esporte conseguimos inserir valores e ensinar de uma forma prática.” TCTO15
“O professor é o responsável por ser o exemplo a ser seguido pelos alunos, aquele que mostrará um leque de opções a crianças que muitas vezes já entram na escola sem esperanças de um futuro melhor... acredito que nós, futuros profissionais da educação, temos o dever e a responsabilidade em nossas mãos de ser a principal peça de transformação na sociedade em que estamos inseridos.” WAL16

Fonte: Autor

Relatos de experiências

RELATO 1

Coordenador: Dr. Rogério da Cunha Voser

O esporte da escola: valores a serem compartilhados

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNs) orientam para o desenvolvimento de um currículo que contemple a interdisciplinaridade como algo que vá além da justaposição de disciplinas e, ao mesmo tempo, evite a diluição das mesmas de modo a se perder em generalidades.

Segundo Fazenda (2002), o pensar interdisciplinar parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Tenta, pois, o dialogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas. A interdisciplinaridade é um processo que visa a desfragmentação dos saberes, sem negar a ideia de especificidade.

Em relação à Educação Física, Bracht (2003) relata que os argumentos que geralmente são usados para justificar a sua presença no currículo escolar diz respeito ao discurso que pretende apontar a sua contribuição para a formação integral do ser humano. É válido registrar que o saber da Educação Física, "não é um saber que se esgota num discurso sobre o corpo/movimento" (BETTI, 1994, p. 42).

Em nosso projeto do PIBID, com ênfase no esporte educacional desenvolvido no Ensino Médio em uma escola pública da cidade de Porto Alegre, temos como objetivos, além de conhecer e praticar os esportes, propiciar reflexões e problematizações que envolvam as atitudes frente às situações que ocorrem ao longo da aula, mas principalmente na hora do jogo esportivo. Estes valores intrínsecos presentes na prática dos esportes devem propiciar o diálogo com os demais componentes curriculares.

Como exemplos concretos de situações ricas para a reflexão, apresentamos algumas a seguir: Como se dá a escolha das equipes antes do jogo? Observa-se a inclusão e a diversidade? Durante o jogo, como são estabelecidas e respeitadas as regras? Existe cooperação e respeito durante a aula? Ocorreu alguma situação de *fair play* durante o jogo?

Na Educação Física escolar, a utilização de diferentes metodologias nas aulas, possibilita que os alunos vivenciem diversas experiências; conheçam os limites de seu corpo, aprendam a trabalhar em grupo e a tomar decisões, e a fazer escolhas, entre outros. É possível aprender habilidades sociais que podem ser generalizadas para a vida, como: tolerância a frustração, busca por objetivos, disciplina, respeito à diversidade, superação, cooperação, altruísmo, autoconhecimento e muitos outros comportamentos.

Acreditamos que essas experiências podem ser aproveitadas pelo aluno nas demais disciplinas e também em seu convívio social. Estes valores (ser e conviver) a serem perseguidos pela escola em seu Projeto Político Pedagógico devem ser compartilhados entre todos os componentes curriculares. Nossa convicção é que a escola deve ser transformadora. O ensino dos esportes prepara para a vida.

RELATO 2
Supervisora: Patrícia Frota Muller

Quando fui convidada a participar do PIBID, fiquei ansiosa pelo que estava por vir. Ao abrir as portas da Escola Estadual Professor Júlio Grau aos alunos bolsistas, onde trabalho há 16 anos, vi que havia feito a escolha certa e que juntos, desenvolveríamos um belo trabalho.

Nas minhas aulas o esporte está muito presente; inclusive, desenvolvemos escolinhas de futsal – a mais frequentada –, vôlei e handebol que funcionam no turno inverso das aulas. A partir destas escolinhas, formamos equipes para participar de campeonatos como o JERGS, por exemplo. Além disso, temos a OLIMGRAU, que é a nossa gincana esportiva e cultural, que acontece sempre no mês de outubro comemorando o mês da criança, o aniversário da escola e o dia do professor. A minha abordagem nas modalidades esportivas sempre foi bem analítica: o aluno deve usar de forma proficiente os elementos técnicos-táticos dos esportes desenvolvidos e depois ajustar sua atuação a princípios de estratégia de jogo coletivo.

Dentro desse quadro, os alunos bolsistas do PIBID trouxeram para as aulas e para as escolinhas esportivas, uma abordagem mais recreativa, que acaba exigindo uma participação mais ampla do aluno, envolvendo os fundamentos dos esportes sempre com bastante movimentação. Desse trabalho, já começamos a colher frutos: 3º lugar no futsal feminino no JERGS.

Finalmente, ao sentir uma grande sintonia entre os bolsistas e os alunos e ao apresentar a nossa “sala de aula” que é composta por três quadras em ótimas condições, tive a cer-

teza de que serviria de estímulo para que nós, juntos, pudéssemos desenvolver um ótimo trabalho usando a minha experiência e todo o aprendizado e os anseios dos alunos do PIBID em busca de uma educação de mais qualidade e aulas de educação física que realmente tragam um significado para o corpo discente.

RELATO 3

Bolsista: Wilian Antiqueira da Luz

Se me perguntassem hoje, qual a sensação de estar diante de uma turma, mesmo que de maneira inicial, eu responderia sem pensar duas vezes: Indescritível. Apesar de todos os desafios e dificuldades impostas neste primeiro semestre atuando no PIBID, acredito que nada acontece por acaso nem por um simples capricho do destino. Quando ingressei no projeto, vários eram meus anseios, dos quais alguns permanecem até hoje. Como será que vão me receber? Como é o dia a dia da escola? Como me portar pela primeira vez como um professor?

Quando aceitei o desafio, mesmo sabendo de todas as dificuldades que tinha pela minha timidez diante do público, sabia que esta era a hora de dar a cara a bater, era a hora de tentar, de errar, de acertar, de mudar e de persistir. No primeiro dia, como sempre, o frio na barriga tomou conta. Olhares descompromissados dos alunos se perguntando “Quem são estes? Porque estão aqui?”, me fizeram entender o porquê é tão difícil atuar como alguém responsável pela transmissão de conhecimentos e valores a indivíduos que estão em fase de se descobrir, de se questionar, de construção moral e ética e de valores intrínsecos para a autocrítica.

Um dos pontos a serem ressaltados neste meu relato é a ajuda que recebi da minha orientadora e de meus colegas. A minha pouca experiência não foi empecilho para que, sempre que eu precisasse, eles estivessem prontos para me ajudar e me dar conselhos que estão sendo muito úteis a quem possui tanta dificuldade para se impor diante dos mais diversos questionamentos.

Acredito que a sorte tenha me abraçado ao poder estar nesta escola. Todas as quartas, quando acordo, não vejo a hora de ir e aprender cada vez mais com os alunos. A escola deve ser um lugar de trocas mútuas, e não apenas um monólogo onde o professor é o artista principal. Ser chamado de professor, ou carinhosamente de "prof.", é uma motivação inigualável e imensurável, que te faz querer aprender, te fazer querer ensinar, te faz querer viver cada aula como se fosse a última.

A cada aula, a cada campeonato acompanhando e dando apoio, a cada dia, são aprendizados novos que vamos adquirindo para poder contemplar nossa formação da maneira mais rica possível. Se me perguntassem agora, após este meu relato, o que eu quero ser quando "crescer" diria: Ser professor de Educação Física. E o PIBID certamente é o agente principal desta minha motivação para continuar em frente.

RELATO 4

Bolsista: Alam Camejo Sena

Este relato tem por objetivo partilhar as experiências desenvolvidas pelo presente aluno de graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como bolsista do PIBID na Escola Estadual de 1° Grau Pro-

fessor Júlio Grau. Nestes 8 meses de atividades foram inúmeras as experiências adquiridas.

Conforme as concepções de esporte e tendo em vista o subprojeto de trabalhar com o esporte na escola, propusemos metodologias mais recreativas. Voser e Santini (2008) em seu livro "Ensino dos Esportes Coletivos: uma abordagem recreativa e cooperativa" conseguem chamar a atenção e motivar os alunos para a prática, possibilitando experiências positivas. As aulas se tornam mais dinâmicas e divertidas e ainda se acaba desenvolvendo os fundamentos do jogo.

Cabe destacar que uma das turmas da escola acima citada tem 45 alunos e se tratando de um 2º ano do Ensino Médio é bem complicado de abordar somente um determinado conteúdo em todo tempo da aula. Meu primeiro desafio foi lidar com um grupo grande de alunos e ainda propor desenvolver a vivência de vários esportes na mesma aula. Sendo assim, tomei a decisão de assumir a turma com a participação da professora principal da turma e propus desenvolver circuito, com uma série de estações, com a intenção de manter a dinâmica e não formar filas longas. Fui instigando a todos e variando as estações e os esportes, como, por exemplo, futsal, voleibol, handebol, e basquetebol.

Outro ponto que observei na escola foi que próximo à semana da olimpíada da escola, chamada Olimgrau, alunos e professores se engajaram com muita dedicação à preparação do evento.

Durante esta olimpíada tive a oportunidade de participar como mesário e como coordenador na organização das atividades esportivas como, por exemplo, organização de tabelas e de regulamento das atividades. Assim, pude ver a evolução dos alunos durante uma competição.

Por fim, quero destacar que alguns pontos são fundamentais para se conseguir dar uma boa aula; destaco: estabelecer vínculo afetivo com os alunos, transmitir apoio e segurança e manter a motivação.

RELATO 5

Bolsista: Leonardo da Silva Lima

Este trabalho tem como objetivo relatar as experiências vividas a partir do projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência) com o subprojeto de Iniciação ao Esporte em nível médio escolar. Dentro dessa perspectiva, fatores dos mais diversos – tais como emocional, prazer, saúde, bem-estar, etc. – foram considerados para se ter um bom resultado final, levando em conta elementos socioafetivos, rendimento e cognitivo.

O projeto foi iniciado a partir de uma seleção daqueles que optaram pela iniciação a docência. Como escolhido, fui designado junto de outros colegas a dar aulas (com o auxílio da professora da escola) para uma turma de 1º ano e outra de 2º ano do Ensino Médio. Além disso, tive a oportunidade de coordenar o time masculino de forma efetiva juntamente com o também estudante de Educação Física, Marcelo Farion, e auxiliando o referido com o time feminino de futsal. Todos os jovens eram estudantes da escola (Professor Júlio Grau) e possuíam faixa etária entre 14 e 18 anos.

Para que pudesse dar início ao projeto, baseei-me em vivências próprias dentro do esporte, na amostragem que tive e tenho do curso de educação física da UFRGS e na leitura do

artigo “Adolescência, Esporte e Qualidade de Vida”, que me fez refletir sobre o que é uma aula de verdade, quais os pontos principais a serem aprimorados e de que maneira poderia ser feito isso.

O início deu-se em maio de 2014 e apenas de forma visual nas turmas que me seriam destinadas. Na oportunidade, percebi que grande parte dos alunos tinha boa complexidade motora, possuindo assim um bom repertório para a maioria das atividades que poderiam ser propostas. Quanto à questão socioafetiva, senti que na turma, como acontece na grande da população dessa faixa etária, por conta da mudança de personalidade e pensamentos, tinha uma série de alunos que pensavam de forma diferente, ainda que chegassem num consenso, mas de forma relutante. Entendi então que a principal questão a ser otimizada, que já vinha sendo visto com os alunos pela professora titular, seria o enfoque social: fazer com que, a partir do esporte, captassem atitudes benéficas – como ajudar o colega, compreender que cada um tem um ritmo diferente, de que todos devem participar, etc.; dentro de práticas lúdicas e assim pudessem relacionar com o próprio cotidiano.

Por consequência, fui conhecendo os alunos e tendo mais liberdade. Consegui ter intimidade com os estudantes a ponto de construir uma amizade professor-aluno, tornando-me de certa forma um amigo com quem vinha conversar e em determinado momento pedindo ajuda em algum movimento de um esporte específico, em outro querendo saber algo sobre questões sociais, emocionais, etc. Dessa forma, a ludicidade foi o tema chave para a conquista nesse processo. Os trabalhos propostos, dentro dos inúmeros esportes já praticados ali – como vôlei, futsal, handebol, tênis de mesa, xadrez, análises sobre frequência cardíaca, atletismo, etc. foram na grande

maioria bem aceitos e executados quase que de forma integral.

Em relação aos times de futsal, levamos (eu e o colega Marcelo Farion) em conta aspectos que fizessem com que tivessem maior domínio quanto ao esporte, buscando sempre deixá-los confortáveis e prontos para as situações que poderiam vir, sendo a favor ou contra. Após muitos treinos e conversas com eles para decidirmos juntos o que queriam, em que ponto eles queriam chegar a partir dos treinos propostos, inscrevemos o time de futsal masculino nos Jogos Abertos de Porto Alegre (JAPA) e o masculino e feminino nos Jogos Escolares do Rio Grande do Sul (JERGS). Levando em conta que era nosso primeiro teste como "técnico" de uma equipe (considerando que nessa etapa outro colega de Educação Física, Willian Luz, juntou-se a nós), a experiência foi o que mais valeu. Dentro das 3 etapas (2 campeonatos do masculino e um do feminino) houve apenas uma derrota no total de 4 jogos do time masculino; fomos desclassificação nos dois campeonatos e em um deles sem perder, ficando atrás do primeiro da chave pelo saldo de gols, e a conquista do bronze por parte do time feminino. Foi possível ver a importância maior para os guris (o quanto aquilo representava o que eles queriam) em relação às gurias. Notavelmente o principal foi a participação de todas nos jogos.

Com uma maior intimidade junto aos alunos e com certa experiência já adquirida, há novas perspectivas por parte dos "pibidianos" para a chegada de final de ano. Acredito que o rendimento poderá melhorar e muito.

RELATO 6

Bolsista: Eduardo Araújo Maciel

Sinto-me honrado desde o dia em que fui escolhido para ter essa oportunidade de ser professor tão cedo, ainda cursando a Licenciatura, porém minha segurança e o afinco ao realizar essa função trouxeram o respeito dos alunos por mim, criando uma relação de amizade recíproca; tornei-me mais do que um tutor para muitos deles.

O maior desafio que encontrei foi lecionar ao lado de alguém desconhecido, pois além de ter pouca experiência e de não conhecer as possíveis turmas não sabia como o outro bolsista iria lidar com o meu modo de ensino e, por isso, poderiam ocorrer conflitos de metodologias.

Logo pude mostrar outras vertentes do esporte na escola, priorizando os valores éticos e morais, ao mesmo tempo ensinando novas técnicas e táticas de alguns esportes e corrigindo outras, aprimorando as habilidades motoras dos alunos.

O convívio com os professores das outras disciplinas do Júlio Grau, fizeram com que eu adquirisse experiência para lidar com acontecimentos diários e os comportamentos de determinados alunos que apresentavam indisciplina. Também contei com a sorte da professora de Educação Física, a Patrícia Müller, ser uma pessoa muito dedicada no que faz. Ela sempre me deu o espaço necessário para fazer o que eu bem entendia.

Todas as sextas-feiras acontecem aulas particulares de vôlei para os alunos do período da tarde, em horário inverso, por vontade dos próprios (após as aulas das turmas da manhã). Assim eles podem se aprofundar especialmente nas táti-

cas e técnicas do esporte, de uma forma que eles não possuíam conhecimento até o dado momento no Ensino Médio. Creio eu que isso se deve ao pouco tempo disponível para o professor lecionar, sendo forçado a ensinar somente o básico de cada esporte.

A Olimgrau ocorreu e foi o momento em que eles colocaram em prática as aulas voltadas para o esporte, foco do PIBID do professor Rogério Voser. Foi gratificante notar as turmas que leciono se apresentarem de forma digna em todos os esportes, realizando os movimentos corretamente, contribuindo para o bom aproveitamento de suas respectivas equipes, nunca se esquecendo dos valores ressaltados durante as aulas, como a cooperação, o espírito solidário e o *fair play*. Ao acompanhar o desempenho de todos os alunos nas diversas modalidades, tive a oportunidade de perceber as reais capacidades das turmas e assim nas próximas aulas focar esportes em que eles apresentaram maior deficiência.

Interessante notar a motivação de toda a escola, incluindo os professores e os funcionários, na véspera e durante a semana da olimpíada, contagiando todos e comprovando que os esportes são um meio de integração e uma forma de aprimorar a saúde, ajudando a alcançar o equilíbrio entre o físico e o mental.

Ao final das partidas de vôlei, nas quais fui mesário, implantamos algo natural do esporte: o cumprimento entre as duas equipes ao final das partidas, para os alunos verem que era uma competição e que a outra turma era sua adversária e não sua inimiga.

Com o fim da Olimgrau, para tirar o foco da própria, que prioriza o futsal, vôlei e handebol com seus respectivos campeonatos, alternaremos as aulas de Educação Física para

que os alunos pudessem ter a oportunidade de conhecer novas atividades que também englobam o vasto leque da disciplina de Educação Física e por estarem possivelmente fartos dos esportes antes citados.

RELATO 7

Bolsista: Marcelo Farion Rodrigues

No relato a seguir serão transpostas ideias, pensamentos e análises sobre o trabalho, a partir do projeto PIBID, com o professor Rogério Voser, juntamente com a professora Patrícia Müller, que estou realizando na Escola Estadual Professor Júlio Grau com alunos de idades entre 14 e 18 anos.

O início do trabalho deu-se em maio de 2014, quando, conversando com a professora Patrícia Müller, que se mostrou muito flexível e atenciosa, sobre a minha disponibilidade e a da escola, fui designado a treinar a equipe de futsal masculina, juntamente com os colegas Leonardo Lima e, posteriormente, Wilian Luz, a equipe feminina de futsal e treinos de voleibol. Os treinos de futsal, tanto masculino quanto feminino, tinham como objetivo maior os JERGS (Jogos Escolares do Rio Grande do Sul) e os treinos de voleibol tinham como foco a OLIMGRAU (Olimpíadas da escola Professor Júlio Grau).

Os treinos eram realizados no turno inverso das aulas regulares dos alunos – estudavam pela manhã e treinavam à tarde – e eram abertos aos alunos que tivessem vontade e disponibilidade de comparecer. Inicialmente, pelas próprias experiências que tive na disciplina de futsal com o professor Rogério Voser, programamos alguns exercícios analíticos, que

com certeza ajudaram muito alguns alunos que tinham um pouco menos de coordenação motora e afinidade com o esporte, juntamente com os que já se mostravam mais avançados nesse aspecto. Com o passar do tempo conversamos com os alunos sobre como as aulas estavam sendo propostas e o que poderíamos adaptar para que todos pudessem aproveitar ao máximo essa experiência, e assim fizemos. Com a equipe masculina foi facilmente percebida a competitividade dos alunos e a vontade de ter um bom resultado nos JERGS.

A equipe foi formada baseada na assiduidade de cada aluno e no empenho que tiveram durante os treinos; os resultados foram bons. Participamos dos Jogos Abertos de Porto Alegre, onde empatamos nosso jogo no tempo regular e infelizmente perdemos nos acréscimos, mas com uma atuação acima da esperada por parte dos alunos, visto que o time adversário já treinava há muito tempo e possuía mais jogadores para substituição, enquanto possuíamos apenas dois. Posteriormente, participamos dos JERGS, onde ganhamos o primeiro jogo e empatamos o segundo, não nos classificando para a próxima fase devido ao saldo de gols. Após esse tempo de treino percebemos tranquilamente uma maior aproximação e um maior companheirismo entre os alunos do time.

Nos treinos de futsal feminino foi de fácil percepção uma maior vontade de apenas participar e divertir-se jogando entre amigas, com exceção de três alunas que tinham, também, um espírito mais competitivo e queriam bons resultados nos JERGS. Participamos dos JERGS e conseguimos uma ótima colocação – terceiro lugar. Chamou-me muita a atenção o nível dessa competição feminina, onde a maioria dos times eram muito bem estruturados e com ótimas jogadoras.

No mês de outubro foi realizada a OLIMGRAU, muito esperada pelos alunos durante o ano inteiro. Pude acompanhar as evoluções das alunas que participaram dos treinos de voleibol, cada uma na sua equipe da turma. As experiências como mesário e "organizador/ajudante" na OLIMGRAU foram muito boas e proveitosas, pois saímos um pouco da nossa rotina de treinos para participar de um evento muito bonito e bem organizado pela Escola Estadual Professor Júlio Grau. Chamou-me muita a atenção a organização das olimpíadas e o comprometimento dos alunos com o evento, realmente muito bonito de se ver.

Quero destacar que durante o início do trabalho realizado na escola senti uma pressão, que até considero "normal", em relação à aceitação dos alunos com o meu trabalho e meu modo de agir; logo em seguida essa pressão foi transformada em parceria e entendimento entre ambas as partes. Penso que um desafio que quase sempre estará presente para o professor de Educação Física é o modo de lidar com tantas diferenças culturais e também cognitivas, assim, tentando agregar todos os alunos na mesma atividade sem que se sintam excluídos.

Essas experiências proporcionadas pelo PIBID foram muito legais e proveitosas e, espero que ano que vem os resultados sejam ainda melhores. Além do papel como professor, me sinto realizado com tantas amizades e o companheirismo que construí com os alunos e professores da escola, que sempre me acolheram muito bem.

Gostaria de agradecer principalmente à gestão do PIBID, ao professor Rogério Voser e à professora Patrícia Müller pelas orientações e pela confiança depositada em mim. Muito obrigado.

RELATO 8

Bolsista: Letieli Cristina de Souza

A inscrição para participar no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) deu-se após alguns semestres de aulas regulares na universidade. Nestas senti dificuldade em compreender e visualizar a teoria e como esta se mostraria na prática. Minha dificuldade aliada à minha experiência escolar de Educação Física fez com que eu pudesse pensar na mesma para além de suas modalidades tradicionais.

Quando fui selecionada para o projeto, criei muitas expectativas sobre como seria o decorrer das atividades em aula. A princípio senti o medo em me deparar com alunos que se conhecem a longo prazo, que por vezes tem certa afinidade com o professor titular e que talvez não estivessem tão receptivos a estilos e planos de aula alternativos àquilo que lhes era comum. Tive receio quanto ao ambiente escolar de forma geral. Se haveria ou não estrutura adequada para as atividades pensadas anteriormente e se existiriam materiais necessários para essas práticas.

Quando o assunto era a professora titular, o medo era de que ela não fosse aberta a conversas; essa incerteza se justifica por experiências anteriores em meus anos de escola básica, onde era perceptível a falta de interação entre professor e estagiário. Outro fator importante além da estrutura física e pessoal da escola, era a sua localização. Muitas vezes ao ler um jornal ou assistir os noticiários na televisão nos damos conta do quão difícil pode ser trabalhar em periferias por causa da violência sofrida pelo professor em muitas delas.

Após conhecer a escola para a qual fui designada, durante a primeira visita desmistifiquei muitos receios. As turmas são em sua maioria de Ensino Médio – restando apenas duas turmas de oitavo ano, antes da extinção do Ensino Fundamental nessa escola estadual – no período da manhã. O colégio, apesar de não apresentar um ginásio fechado em sua estrutura física, apresenta ótimas condições. Possui duas quadras poliesportivas, uma quadra de vôlei, além de materiais variados para a prática de vivências corporais esportivas. Há também uma mesa e acessórios para o tênis de mesa, bastões, cones de tamanhos e cores diferentes que facilitam as atividades, materiais esportivos novos como bolas de futsal, basquete, handebol e voleibol e suas respectivas redes. As tabelas de basquete serão instaladas e novas bolas e acessórios foram adquiridos a partir do convênio da escola com o PIBID.

Nas primeiras aulas que ministrei observei diferentes reações dos alunos(as). Para muitos, evidente entusiasmo, para outros, não tão adeptos das práticas esportivas, era necessário um empurrãozinho para sua participação. Percebi em muitos deles a vergonha de não dominar a prática, o medo de errar, o ego elevado por executar a atividade com eficiência. Havia também a dificuldade decorrente do uso de roupas inadequadas para a prática esportiva, principalmente, se tratando das meninas.

Em relação às meninas, é impossível deixar de constatar a interferência dos papéis culturalmente determinados (homem/mulher). Tive condições de observar durante a permanência no PIBID, como a escola influencia nestas definições. Desde o primeiro momento na sala de aula víamos as meninas não ousarem além do que tradicionalmente conhecemos como feminino, existindo poucas exceções. O padrão que se

observa é ainda mais evidente durante as aulas de Educação Física; nestas estava presente o uso de botas, sapatilhas, calças jeans justas, acessórios e unhas compridas, além da hipótese de que determinadas práticas diminuiriam a feminilidade que o gênero determina. Seria diminuída a feminilidade daquelas que gostam e participam efetivamente das aulas de futsal? Em conversa informal com essas alunas-exceções, elas dizem que não, apesar das demais alunas não conseguirem dissociar seu papel como ainda frágil e com esporte escolar delimitado: o voleibol. Os meninos também não fogem dos estereótipos: "Os meninos jogam bola!". É mais comum que o sexo masculino seja mais ativo e participe mais das aulas, entretanto, isso não se dá apenas pelo fato de realmente gostarem de participar; essa participação acontece também por uma pressão cultural, inclusive de forma inconsciente. Então, temos o incentivo para a integração dos meninos nas atividades e, por outro lado, a exclusão das meninas de várias experiências (correr, jogar futsal, se pendurar, lutar, etc.), seguidas com conhecidas falas: "Isso não é coisa de menina!" e "Meninas jogam vôlei!".

O interesse demasiado pelo futebol masculino e a resistência feminina nas aulas me trouxeram angústias nas primeiras tentativas de ministrar as aulas. Todos os processos de escolha das atividades, da ordem dos exercícios à modalidade, geravam sempre algum desconforto antecipado. Todavia, com o decorrer de cada atividade que pude considerar bem sucedida, havia entusiasmo e vontade de continuar, que se fortaleceram com o companheirismo e a troca de experiências com a professora titular que em todos os momentos foi muito receptiva e aberta a diálogos sobre assuntos relacionados ou não ao cotidiano da escola.

Durante a minha vivência no PIBID, foram organizadas e realizadas as Olimpíadas interséries da escola, denominadas Olimgrau. Este evento mobilizou todas as turmas no âmbito esportivo e cultural. Pelo seu caráter competitivo, observamos as turmas unidas entre si, sem os típicos grupos definidos por afinidades que são comuns no dia a dia. Era perceptível também a disposição e o interesse para a prática esportiva, o uso de vestuário que facilitavam os exercícios e a evolução no desempenho esportivo geral. Tais rendimentos foram possíveis através de trabalhos específicos para cada modalidade com as quais trabalhamos, sendo elas, principalmente, o futsal, o handebol e o voleibol, somados ao trabalho de resistência com corridas ao redor do perímetro da escola. Neste, havia como obstáculo a irregularidade do calçamento, as raízes de árvores que adentravam a calçada e a necessidade de maior atenção e tempo de reação para desviar destes obstáculos e pedestres que ali caminhavam.

Entre essas e tantas outras situações que pude vivenciar me relacionando como professora consegui direcionar meu interesse a um tema específico que acompanha os alunos(as) desta escola desde os anos fundamentais até sua conclusão do ensino médio: o gênero.

Para concluir, pretendo continuar minha experiência no PIBID e finalizar um artigo sobre o gênero feminino que está em construção para expor as relações presentes no cotidiano escolar e debater esse tema, que por vezes é pouco aprofundado em muitas realidades.

RELATO 9
Supervisor: André Luis Campos Cupertino

Antes de falar do PIBID gostaria de fazer um breve relato a respeito de nossa escola. A Escola Estadual de Ensino Fundamental Plácido de Castro é uma escola de inclusão, ou seja, é uma escola que atende crianças com necessidades especiais, tendo para isso uma Sala de Recursos, com professor especializado que auxilia estas crianças no seu aprendizado, seja no turno de aula ou no turno inverso; recebemos inclusive crianças de outras escolas por sermos uma escola-polo, de referência nesta área.

O PIBID iniciou em nossa escola no mês de abril de 2014, com seis estagiários, Matheus de Souza e Miguel Melo no turno da manhã, com as séries iniciais e Marcelo Telles, Alexandre Brod, Eduardo Claus, Eduardo Rodrigues no turno da tarde, do 6°ano à 8° série.

Matheus e Miguel desenvolvem as suas aulas no período da manhã, nas segundas e quartas, dando um período de 50 minutos para cada turma, sendo o 1° e 2°ano juntos, por ser uma turma multisseriada. Vale lembrar que as séries iniciais não contam com professor de Educação Física no currículo, ficando tal responsabilidade para o professor regente, que não tem especialização nesta área. Neste sentido tivemos um ganho significativo com o PIBID, e particularmente com os estagiários Matheus e Miguel, que se apresentaram apreensivos e inseguros nas primeiras aulas, e com o passar do tempo adquiriram confiança e carinho dos alunos, o que facilitou o trabalho com as turmas. Nas séries iniciais, quer seja pela falta do professor de Educação Física, ou pela imaturidade,

as crianças muitas vezes entram em conflito nas atividades propostas, fazendo com que os estagiários tenham de interceder para intermediar tais conflitos; neste sentido, foram propostos entre outras atividades, jogos e brincadeiras em que as crianças pudessem adotar atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade, buscando solucionar os conflitos de forma não violenta; isso se refletiu de forma positiva na sala de aula, onde aqueles alunos que seguidamente se indispunham com os seus colegas, agora conseguem lidar melhor com esta situação.

No plano motor e lúdico, Matheus e Miguel desenvolveram aulas bem variadas e dinâmicas, utilizando os mais diversos materiais que a escola dispõem; vale lembrar aqui um agradecimento ao Coordenador do Projeto PIBID, professor Rogério Voser pelos materiais de auxílio às aulas que a escola recebeu, como, bolas, cones, arcos, etc. No Dia do Desafio (28/05), Matheus e Miguel organizaram uma gincana na escola que envolveu todos os alunos da manhã, assim como professores e funcionários.

Matheus também participou, juntamente com os estagiários da tarde, do Torneio de Integração de Futsal entre a Escola Plácido de Castro e a Escola Júlio Grau, no mês de junho.

Com relação aos estagiários da tarde Eduardo Claus, Eduardo Rodrigues, Marcelo Telles e Alexandre Brod, tive mais contato com a primeira dupla, que ministra as suas aulas nas terças e quintas, para as turmas de 6°ano e 8°série.

Eduardo Claus e Eduardo Rodrigues, nas primeiras aulas, tiveram dificuldades de implantar a sua proposta de trabalho; as turmas se mostravam bastante impacientes com o aquecimento/alongamento, e subsequente atividade educativa, que iria ser seguida pelo jogo; mas, à medida que as aulas avança-

ram foi se tornando mais fácil o trabalho. Faltou aqui para os estagiários mais experiência, no sentido de que se a turma não está receptiva para a atividade proposta, cabe ao professor torná-la mais atrativa, dinâmica. Eu não posso ficar engessado pelo meu plano de aula, tenho de alterá-lo, se for o caso.

Com relação às meninas maiores muitas não têm interesse em participar das aulas; participam somente da primeira parte da aula-alongamento/aquecimento, e jogos educativos; na parte final do jogo não participam, alegando que os meninos são muito brutos ou não passam a bola quando elas jogam com eles. É proposto neste caso, que um dos estagiários acompanhe as meninas com uma atividade paralela, negociando com elas inclusive uma atividade que fosse de seu interesse, além daquela proposta por eles.

Nas terças e quintas, Eduardo Claus e Eduardo Rodrigues, com auxílio do Supervisor do Projeto, criaram uma Escolinha de Iniciação Esportiva, para crianças de 6 a 10 anos de idade, aberta à comunidade; tivemos até 8 alunos matriculados, e gradativamente este número tem decaído, em razão da saída de alguns alunos de nossa escola e da dificuldade dos pais em trazer os seus filhos, que são pequenos.

Com relação ao trabalho com os alunos especiais, sendo dois do 6°ano, dois do 7°ano e dois da 8° série, Eduardo Claus e Eduardo Rodrigues pouco a pouco vem trabalhando os aspectos psicomotores, cognitivos e sociais. Este trabalho desenvolvido tem auxiliado o trabalho que a dupla Alexandre Brod e Marcelo Telles tem realizado com estas crianças nas sextas-feiras, quando trabalham com os mesmos de forma isolada. Estes alunos especiais também participam das aulas de Educação Física, de forma integrada com os demais alunos; pelo relato dos professores, percebe-se ganhos na parte moto-

ra, cognitiva e social, sendo esta última a meu ver a principal, fazendo com que estas crianças se sintam acolhidas pelos seus colegas.

Em relação à dupla Marcelo Telles e Alexandre Brod, tive pouca possibilidade de acompanhar "in loco" o seu trabalho, uma vez que não estou na escola nestes dias, trabalho em outro local, deixando o auxílio diário por conta do professor Carlos Fernandez. Procuro ajudar os estagiários repassando as informações dadas pelo Coordenador do projeto, assim como dando sugestões de atividades de auxílio às aulas, além de recursos didáticos diversos, que são colocados em uma pasta do PIBID, para auxiliar nas suas aulas.

Marcelo Telles e Alexandre Brod foram muito importantes na organização do Torneio de Integração de Futsal entre a Escola Plácido de Castro e o Colégio Júlio Grau; cerca de 30 crianças estavam presentes, foram formadas 4 equipes mistas, com entrega de medalhas a todos participantes. Gostaria de agradecer à Professora Patrícia, responsável pelos alunos da escola Júlio Grau, sem a qual a atividade não seria um sucesso.

Os estagiários da tarde queixam-se da não participação de algumas meninas nas aulas, assim como pouco interesse da 8°série nas atividades; aqui se coloca novamente a questão de motivar estas crianças, procurando realizar aulas atrativas, além de negociar e aceitar sugestões dadas pelos mesmos. Com relação às meninas sugeri aos estagiários aulas com música, de ginástica localizada, com pesos; para tanto contamos com uma sala de aula para atividades em dias de chuva, colchonetes, som, etc.

Fazendo uma análise do PIBID até o momento, dentro de nossa escola, com certeza vemos prevalecer os aspectos qualitativos, seja no ganho para os pibidianos que vivenciam novas

experiências, que a faculdade não proporciona, seja no convívio com o diferente, buscando compreender, desenvolver e valorizar os mais variados aspectos que permeiam o indivíduo.

Sabemos que isto é uma via de dois rumos que transforma não só a eles, mas a todos nós, sejamos alunos, professores, funcionários, pais ou comunidade em geral. É muito bom termos "sangue novo" em nossas escolas, e se eles algumas vezes se acomodam nós do outro lado também ficamos inertes, e devemos estar sempre em movimento, em sintonia com a vida, assim como a noite que precede o dia, aonde um dia nunca é igual ao outro.

RELATO 10

Bolsista: Matheus Mesquita de Souza

O presente relato de experiência tem como objetivo compartilhar minhas vivências no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do qual sou bolsista desde o primeiro semestre de 2014. Sou estudante de Educação Física da UFRGS e atuo na Escola Estadual de Ensino Fundamental Plácido de Castro de Porto Alegre.

A Escola Plácido de Castro é uma escola de inclusão e, portanto, nos fornece a excelente oportunidade de darmos aulas de Educação Física para alunos especiais também. Na parte da manhã (turno em que dou minhas aulas) temos turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental (normalmente, dos seis aos dez anos). Ou seja, o lúdico e o brincar são de extrema importância para o desenvolvimento das atividades utilizadas em aula.

Segundo Chateau (1987), “uma criança que não sabe brincar, uma miniatura de velho, será um adulto que não saberá pensar”. Ou seja, uma criança precisa ter a oportunidade de brincar desde seus primeiros meses de vida, pois isso proporcionará um melhor desenvolvimento geral, que ajudará a criança a se autodescobrir e a descobrir o mundo ao seu redor.

Toda criança tem a necessidade de brincar. É brincando que, na fase infantil, as crianças experienciam o mundo e, com isso, tendem a aumentar suas sensibilidades, tanto visuais quanto auditivas. Além disso, é brincando que as crianças se sentem mais à vontade para criar, fazer e compreender as coisas e pessoas ao seu redor, o que favorece o desenvolvimento psicossocial e a criatividade, entre outras habilidades que são de suma importância para um completo desenvolvimento da criança. De acordo com Wajskop (1995), “Brincar é a fase mais importante da infância – do desenvolvimento humano neste período – por ser a autoativa representação do interno – a representação de necessidades e impulsos internos”.

Comecei as minhas atividades na Escola Plácido de Castro no dia 07 de Abril de 2014. Para o primeiro mês, foi planejado o reconhecimento das turmas e de cada aluno individualmente. Logo as primeiras aulas foram planejadas com o objetivo de conhecer os alunos, suas habilidades motoras e suas limitações. Preocupei-me, também, em planejar atividades divertidas e agradáveis para os alunos sentirem prazer em participar da aula de Educação Física. Para isso foram elaboradas atividades que visassem à cooperação entre os alunos e à minha interação com eles. Pois, para mim, um bom professor não é aquele que prende a turma na aula e, sim, aquele que desperta no aluno a vontade de aprender.

A aceitação e a receptividade dos alunos foi, para mim, algo incrível. O tempo que levei para me adaptar com as turmas e com o funcionamento da escola foi bem menor do que havia planejado e isso foi muito bom, pois criei laços com os alunos, não apenas como Professor deles, mas também como amigo. Essa questão, para mim, é imprescindível, pois quando o aluno vê o Professor apenas pelo lado hierárquico (sem que haja outra relação) isso pode acabar causando uma "barreira" entre os dois. Já quando há amizade antes da relação hierárquica entre Aluno-Professor, há uma liberdade maior para o aluno conversar, pedir conselhos (aconselhar também), expressar-se, entre outras questões que facilitam o processo de aprendizagem do aluno e, também, do professor.

Além disso, as crianças nessa idade têm a necessidade de movimentar-se, de descobrir coisas novas, o mundo ao redor delas; a aula de Educação Física pode (e deve, é claro) propiciar tudo isso à criança. É seguindo nessa ideia que tento levar para as minhas aulas atividades que façam o aluno se autodescobrir (mental e fisicamente), descobrir e compreender o ambiente em que ele está inserido, além, é claro, de brincadeiras que visem desenvolver as principais habilidades motoras básicas que são: correr, saltar, caminhar, rastejar, arremessar, subir, pegar, receber, quicar, chutar, entre outras.

Também sempre tento fazer eles se descobrirem como sujeitos. Fazê-los pensar além de suas capacidades e possibilidades. Fazê-los enxergar além, para terem uma visão de mundo maior e não limitada. Engana-se quem pensa que a aula de Educação Física é apenas um momento dos alunos relaxarem da carga horária de matérias teóricas ou ficarem na quadra "jogando bola". Os professores de Educação Física têm a função de AJUDAR a educar seus alunos em diversos aspectos,

principalmente, no aspecto motor para essas crianças, no futuro, não se tornarem “analfabetos motores”.

No início das minhas atividades na escola Plácido de Castro, minhas aulas ocorriam nas segundas e quartas-feiras. Continuo com os mesmos dias e horários, porém, no primeiro semestre de 2014 as aulas das segundas-feiras eu dava sozinho, pois os dias de aula do meu colega eram quartas e quintas. Sendo assim, tínhamos de dar uma aula sozinho e uma aula em dupla por semana. Com essas circunstâncias, ficava um pouco mais difícil de dar uma aula produtiva e agradável a todos nas segundas-feiras já que eu estava sozinho nestes dias.

Nesta escola temos vários alunos especiais, dentre eles um aluno autista, um cadeirante que tem diagnóstico de paralisia cerebral leve e teve hidrocefalia, um com fissura labial, muito conhecida como lábio leporino (este aluno inclusive tem dificuldades de relacionar-se com os colegas e de socialização), entre outros alunos que acabam nos propiciando momentos e experiências inesquecíveis, além de nos ensinar a olhar a vida com outros olhos. Todos estes alunos, não apenas por serem diagnosticados com suas respectivas patologias, merecem um tratamento especial durante as aulas e é isso que tentamos fazer em nossas aulas de Educação Física dentro da Escola. Busco sempre aproveitar ao máximo as capacidades deles e não focar apenas suas limitações.

Pensar em aulas que integrem toda a turma e mais esses alunos citados acima, realmente foi uma dificuldade que encontrei no início. Contudo, nada melhor que o tempo para nos ensinar. Com o andamento do semestre foi possível ir descobrindo algumas estratégias que tornassem possível essa integração geral dos alunos em nossas aulas. Além do mais, o número de alunos em cada turma é relativamente pequeno, o

que acaba limitando o número de atividades que podem ser desenvolvidas na aula de Educação Física. As turmas têm, em média, de 8 a 10 alunos. O pequeno número de alunos em cada turma também pode ser visto como um aspecto a favor do processo de aprendizagem, pois quando há poucos alunos fica mais fácil de o professor dar o *feedback* necessário para cada aluno e os ajudar, de forma individualizada, facilitando o entendimento e a compreensão dos alunos nas atividades.

O reconhecimento e os elogios recebidos dos professores sobre o nosso trabalho também é algo muito gratificante, pois assim descobrimos que estamos no caminho certo, sempre tentando melhorar e dinamizar nossas aulas de Educação Física, visando um melhor desenvolvimento (cognitivo, físico, motor, social, afetivo) das nossas crianças na Escola.

RELATO 11

Bolsista: Marcelo Gerwer Ginar Telles

Comecei minha participação neste projeto no início do mês de abril. Logo no primeiro dia de projeto tive uma impressão de que seria algo difícil, visto que a estrutura da escola é muito simples e alguns dos alunos têm dificuldades cognitivas e motoras.

Apesar do material para as aulas ser de boa qualidade, a quadra de esportes deixa a desejar. É de cimento e possui uma grande árvore de um lado, fazendo com que as raízes tenham desnivelado o espaço.

Sobre os alunos, estamos trabalhando com as turmas de sexto e sétimo ano e também da oitava série. Pude notar

que os alunos mais novos são mais receptivos às atividades que tentamos desenvolver enquanto os mais velhos, na faixa de 15 anos, sempre apresentam resistência às atividades propostas.

Também é visível a separação por gênero na turma de sexto ano. Os meninos são um pouco agressivos em relação às meninas, dificultando a integração na turma e fazendo com que as mesmas não se sintam à vontade em relação às atividades com mais contato.

Sobre a turma de sétimo ano, é a mais unida da escola. Meninas e meninos participam com regularidade das aulas e são muito receptivos às novas atividades que tentamos desenvolver. Nesta turma temos uma aluna especial que ainda não conseguiu se encaixar nas aulas, participando somente das aulas para os alunos especiais.

Na oitava série é onde encontramos mais dificuldade. Os meninos são muito resistentes a qualquer esporte que não seja o futsal e as meninas quase nunca participam de qualquer atividade, por mais simples que seja.

Nas sextas-feiras desenvolvemos uma aula de 30 minutos somente com os alunos que apresentam problemas cognitivos. São aulas simples, com atividades básicas de basquete ou vôlei e que são desenvolvidas para que haja uma integração entre estes alunos e num futuro, uma melhor integração em relação aos outros colegas de classe.

Em relação ao meu sentimento, acho que em alguns momentos existe uma frustração causada pela desmotivação de certos alunos. Por mais que nós tentamos sempre trazer alguma atividade que envolva a todos, muitos dos mais velhos preferem ficar sentados sem participar. Por outro lado, é

muito gratificante quando uma atividade é bem-sucedida e podemos ver no rosto dos alunos a vontade de participar. Estou aprendendo bastante com este projeto; no próximo ano espero conseguir dar aula para alunos das séries iniciais, área na qual pretendo trabalhar após a conclusão do curso.

RELATO 12

Bolsista: Alexandre Brod Farias

Assumimos o PIBID na Escola Plácido de Castro com as turmas de sexto ano, sétimo ano e oitava série. As salas de aula são muito defasadas, construções de madeira mais conhecidas como brizoletas. As turmas são pequenas, mas é uma escola de inclusão de alunos especiais. A estrutura voltada para a Educação Física é considerada boa, no nosso ponto de vista. Uma quadra de asfalto e outra quadra improvisada no pátio, juntamente com diversos materiais estão à nossa disposição.

Logo na primeira aula levamos um choque ao receber alunos regulares e especiais, de diferentes idades, tamanhos e níveis de maturação, tudo em uma mesma turma. A partir desse momento começamos a perceber que, algumas vezes, a faculdade não nos proporciona subsídios necessários para lidar com a estrutura e situação da escola pública. A experiência no PIBID nos oportuniza a vivenciar o dia a dia da escola pública conhecendo as inúmeras e diferentes dificuldades que iremos encontrar e enfrentando desde cedo os desafios que aparecerão na vida de professor.

A turma de sexto ano é muito participativa e respeitosa, porém tem dois alunos especiais que dificultam muito o an-

damento da aula. É muito visível a questão de separação por gênero presente nessa turma. Os meninos são agressivos com as meninas e esse comportamento faz com que as mesmas não se sintam à vontade e encorajadas de participar das atividades propostas por nós em conjunto com os meninos.

A turma de sétimo ano é a maior da escola e, de um modo geral, tem a participação de meninos e meninas em conjunto. É importante ressaltar que nesta turma há uma aluna especial que ainda não conseguiu participar das aulas efetivamente. Geralmente ela apresenta medo dos demais colegas e se afasta dos mesmos. Porém, em algumas aulas ela consegue se reunir com uma ou duas colegas para realizar alguma atividade.

Por outro lado, a turma de oitava série é a mais complicada. As meninas quase nunca participam das atividades propostas e quando o fazem, é com muito desinteresse e desmotivação. Os meninos são muito resistentes a outros esportes diferentes do futsal, mas conseguimos desenvolver atividades que incentivam e proporcionam oportunidades de conhecerem e aprimorarem técnicas de outros esportes, apesar do baixo número de alunos da turma.

Tivemos a oportunidade de conversar com alguns professores sobre possíveis mudanças que esperávamos que acontecessem. Eles nos relataram que foi visível a adesão dos alunos às aulas de Educação Física, a partir da nossa chegada à escola, e os comentários sobre novas atividades propostas, muitas vezes com aprovação e às vezes com rejeição, mas o importante foi o envolvimento dos alunos na nova proposta.

Alguns alunos dessa escola têm ou já tiveram algum problema que afeta ou afetou seu desenvolvimento físico, mental ou interpessoal. Por isso, no decorrer das aulas, tentamos prio-

rizar atividades que ampliam as oportunidades de desenvolver aspectos cognitivos, psicomotores e socioafetivos, com jogos cooperativos e recreativos principalmente.

Também temos um espaço para realizar atividades com os alunos especiais da escola. Dois alunos do sexto ano, três alunos do sétimo ano e um da oitava série participam destas atividades. Realizamos atividades básicas de coordenação motora e cognição. Individualmente nos movimentos e aos poucos realizando a interação aluno-aluno dentro do proposto.

Sobre estes alunos que participam dessa aula especial, vale ressaltar o caso de um menino da oitava série. No começo ele apresentava muita resistência às atividades propostas e não participava das aulas com os demais colegas de série. Após algumas aulas com os outros alunos especiais, ele começou a demonstrar grande confiança e passou a frequentar as atividades nos períodos de Educação Física com os demais colegas de série que passaram a incentivar o seu progresso.

Há momentos de frustração e decepção quando os alunos não querem participar da aula, quando perdemos o controle da turma; quando refletimos sobre a situação da educação pública e sobre a desvalorização do professor; mas também há momentos de alegria e realização quando percebemos os alunos felizes, agradecidos, com saudade, demonstrando carinho; e também com motivação e empenho nas atividades propostas. Até então estamos absorvendo do PIBID tudo o que ele pode nos oferecer em relação ao futuro profissional, as atitudes com diversos alunos, bem como nos preparar mais e melhor, além dos estágios obrigatórios do curso, para a carreira de professor.

RELATO 13

Bolsista: Eduardo Claus Farias da Rosa

Meu ingresso no PIBID se deu pela vontade de vivenciar e experienciar a rotina dos professores que trabalham na rede pública do estado do Rio Grande do Sul. O subprojeto foi escolhido por ser uma das vertentes da Educação Física que muito me interessa.

Quando chegamos ao colégio, não sabíamos exatamente o que faríamos, o que encontraríamos em termos de estrutura para as aulas, questão de material, nem de alunos.

Embora imaginássemos encontrar uma estrutura deficiente e sem condições de material para o desenvolvimento das aulas, a escola nos trouxe uma estrutura, que embora não seja a ideal, possibilita o pleno desenvolvimento das atividades planejadas pelos bolsistas. Ao ser informado de que trabalharíamos com crianças especiais, confesso que fiquei um pouco receoso, pois não sabia quais eram as necessidades especiais dos alunos nem como lidar com elas, quaisquer que fossem.

No entanto, vimos, no decorrer das primeiras aulas, que tudo transcorreria bem, pois não era o bicho de sete cabeças que se desenhara em nossas mentes, ao receber a notícia. Vale salientar que a direção e a coordenação da escola sempre foram muito solícitas quanto a esse ponto, sempre nos trazendo material sobre necessidades especiais dos alunos e nos possibilitando diálogo com a professora da sala de recursos, que trabalha diariamente com esses alunos.

Apesar do baque ao saber dos alunos especiais, não foi isso o que mais me preocupou, e sim, o fato de uma parte dos alunos estarem desmotivados e tratarem com descaso as au-

las de Educação Física. Estava aí nosso maior desafio: remotivar as crianças com aulas criativas e que chamassem os alunos a participar. Traz-se como forte característica a dificuldade em trazer as meninas para a prática esportiva e sobrepujar a resistência dos meninos ao que não é futebol. Começamos, então, a planejar aulas que fossem participativas, dinâmicas, interessantes e divertidas, sempre buscando embasamento nas nossas experiências, vivências e aprendizados adquiridos na graduação e fora dela. Desse modo começamos a conquistar os alunos, que cada vez mais participam ativamente das aulas. Nosso receio inicial, quanto aos alunos especiais, foi diminuindo na medida em que todos participavam e integravam os colegas com mais dificuldade, encorajando-os a participar e possibilitando melhorias e crescimento em seus repertórios motores, algo que os ajuda também nos âmbitos cognitivo e social.

Com o transcorrer das aulas, outro problema que tínhamos foi quase que totalmente resolvido. O "vai ter futebol, né sôr!?", "é futebol a aula toda hoje?", foi sendo conversado com os alunos. Explicamos que a Educação Física serve não só para o lazer deles, mas que também possibilitamos novos aprendizados, desenvolvemos valências físicas, trabalhamos aspectos fisiológicos, sociais e culturais muito importantes, que englobam muitas outras coisas que não só o futebol.

Para que aliássemos a participação deles nas aulas e também a satisfação deles em jogar, por vezes acordamos que com a aula transcorrendo de forma satisfatória, uma parte do final da aula seria destinada ao jogo tão requisitado por eles. Isso, a meu ver, foi uma estratégia bem-sucedida, pois os alunos sabem que quando possível e dependendo da resposta deles durante as aulas, terão o tão querido jogo de futebol, o que faz com que se empenhem nas outras partes da aula também.

A relutância de uma grande parte das meninas em participar das atividades comuns continua sendo uma dificuldade nas aulas. Já tentamos propostas em que adaptávamos as regras para que participassem sem medo do contato mais forte dos meninos (que era algo trazido por elas, como motivo da sua não participação); buscamos propor atividades pedidas por elas após perguntarmos o que as motivaria a participar; fizemos, por inúmeras vezes, atividades separadas em grupos de meninas e meninos, mas em todos os casos sempre havia algum empecilho para que não participassem.

Em virtude disso, começamos a pedir às meninas que não participavam das aulas que fizessem um relato/descrição da aula para fins de avaliação, mas mesmo assim o desinteresse das alunas com a aula era evidente em seus relatos. Eram vistos comentários ofensivos a seus colegas, além de descrições superficiais de apenas partes das aulas.

Em conversas com as meninas, tentando convencê-las a participar e mostrando o porquê participar, muitas vezes ouvimos coisas do tipo “nunca fiz e nunca rodei, por que devo fazer agora?”, “eu que vou perder pontos mesmo...”, o que caracteriza a cultura que trazem há anos, talvez até de casa. Isso só evidencia a falta de seriedade com que a Educação Física é tratada por alguns alunos e, provavelmente, por suas famílias.

Enfim, cabe a nós trabalharmos para mudar isso, a fim de desenvolver uma nova concepção de cultura esportiva e de atividade física desses sujeitos. No entanto, é muito difícil para nós que escolhemos essa área do conhecimento e sabemos da importância dela em todos os âmbitos que ela pode agregar, ver alunos que trazem essa postura de desleixo. Tal posicionamento, muitas vezes, pode ter origem na forma como foi tra-

tada no passado essa faceta tão importante do desenvolvimento dos sujeitos.

Ressalto ainda que, ao assumirmos a posição de professor, devemos desempenhá-la com o maior esforço para que mudemos esse panorama.

RELATO 14

Bolsista: Eduardo Rodrigues Oliveira

A ideia principal desse texto é falar de modo geral sobre a experiência que o PIBID tem proporcionado aos bolsistas e alunos da escola desde quando foi implantada a escolinha esportiva do subprojeto esporte na escola, que tem por objetivo desenvolver as habilidades motoras básicas dos alunos e oportunizar sua participação em práticas esportivas no ambiente escolar, no turno contrário ao que o aluno estuda.

Logo depois da chegada de nós bolsistas na escola, foi proposto o início da escolinha para aumentar a nossa vivência prática dentro da área esportiva escolar. Essa intenção foi vista com bons olhos e recebida positivamente. Trabalhar com diversas faixas etárias só amplia o aprendizado no trabalho com os alunos e propicia experiências diferenciadas quando se trata do exercício da docência.

Encontramos algumas dificuldades no desenvolvimento das aulas como a diferença grande de idade dos alunos: num mesmo espaço tínhamos alunos de 7 anos e outros com 11 anos. Como foi mencionado anteriormente, é benéfico trabalhar com faixas etárias diferentes, porém é um desafio a ser enfrentado, encontrar uma maneira de agrupar todos; fazê-los participar

de maneira satisfatória das aulas não foi uma tarefa muito fácil. Aí entra o trabalho com atividades recreativas: serviu para socializar alunos que normalmente nem convivem no mesmo ambiente dentro da escola e manteve o seu interesse no conteúdo que fôra desenvolvido no período da escolinha.

Em algumas ocasiões, os alunos chegavam mais cedo na escola. Mesmo não sendo o horário da aula, eles já se dirigiam direto para a quadra e por lá ficavam brincando ou conversando, o que já era resultado da interação entre eles, o que ocorreu durante as aulas. Porém, no momento da aula nós encontrávamos os alunos muito agitados e dispersos, justo por já estarem interagindo no local há algum tempo. Quando acontecia tal fato, o início da aula era disponibilizado para os mesmos aquecerem, fazendo qualquer atividade, a que julgassem mais divertida; nós apenas passamos orientações pontuais ou instigamos a que convencessem os colegas que continuavam dispersos a participar juntos na brincadeira. Depois que já estavam mais calmos, dividíamos a turma entre os mais novos e os mais velhos; o trabalho em duplas facilita esse tipo de ação.

Atualmente estamos tentando captar mais alunos para a escolinha, pois durante o ano sofremos algumas perdas já que alguns alunos fizeram transferência para outra escola. Entretanto, é notável a mudança comportamental de alguns alunos, comparando como eram quando começou a escolinha e como estão agora.

O ganho que os bolsistas obtiveram até agora é o enriquecimento em suas experiências; saber lidar com os obstáculos que irão aparecer em sua vida profissional é parte fundamental na formação docente, e observar que a aula planejada motiva e diverte seus alunos ao mesmo tempo em que enriquece seu repertório motor é algo que traz muita satisfação.

RELATO 15
Bolsista: Miguel Cerva Melo

Pretendo, através deste relato, compartilhar minhas impressões e experiências obtidas no projeto PIBID, dentro do subprojeto da educação esportiva e com isso esclarecer e motivar os futuros bolsistas e até ajudar e confortar atuais bolsistas que encontrem desafios semelhantes aos que eu encontrei até o presente momento.

Para nossa atuação no projeto partimos (eu e o colega Matheus Sousa) do entendimento que o ensino dos esportes deve ser feito de maneira lúdica, a fim de tornar a aula mais divertida e atrativa aos alunos, além de contar com o poder que as brincadeiras têm de inclusão; me arrisco a dizer que na brincadeira as diferenças podem até desaparecer momentaneamente. Também elegemos o ensino através da concepção construtivista do esporte.

A concepção construtivista pressupõe estratégias de intervenção pedagógica manifestada através da integração entre educação intelectual e corporal e de um conceito de autoconstrução; ou seja, o processo de elaboração de conhecimento se dá a partir da participação e intervenção ativa do indivíduo em todas as atividades de aprendizagem (BALBINOTTI apud VOSER, 2004).

A minha escolha por um projeto que trabalhe com esporte é, em primeiro lugar, pela minha paixão pelos esportes e, em segundo, por reconhecer que o esporte me ensinou muitas coisas e com certeza influenciou minha escolha profissional-acadêmica. Além disso, acredito que o esporte é importante para todos, indo ao encontro do que diz Voser (2011),

que será benéfica para a criança a sua participação em atividades físico-desportivas, seja pelo aspecto da saúde como por se tratar de importante meio de interação social, entre outros.

Nosso primeiro semestre de atuação na escola Plácido de Castro foi marcado por dois grandes desafios. O primeiro desafio creio ser recorrente a muitos bolsistas do programa: a falta de experiência como professor, mesmo em detalhes que a princípio parecem "bobos", como fazer a chamada, modulação da voz, como e quando usar o apito, se fazer entender por crianças de diversas idades, resolver conflitos entre alunos e como motivar os alunos. Todas essas "bobagens" são elementos próprios da prática que se aprende fazendo. Nenhum professor da graduação pode te ensinar essas coisas, já que cada professor deve construir sua própria identidade enquanto docente. Esse primeiro desafio foi superado através de nossa de vontade de aprender e de fazer uma aula estimulante aos alunos e, por entendermos o quanto podemos marcar um aluno, já que a influência e a participação dos profissionais de Educação Física podem ser fator determinante no processo de aderência, permanência e até abandono esportivo do jovem iniciante (VOSER, 2011). E queremos que nossos alunos pratiquem sempre o esporte, não só na escola, mas, fora dela e depois dela.

O segundo desafio se deu por conta da incidência de alunos especiais na escola, que está em torno de 10% dos alunos em cada turma. Para esse desafio o nosso maior aliado foi o esporte. Através dele conseguimos trazer todos os alunos para nossa aula, já que não só as crianças, mas as pessoas de maneira geral gostam de esportes. Trazendo os alunos para a aula podemos, através dos jogos, propor momentos de intera-

ção social para esses alunos. O esporte ainda proporcionou momentos em que os alunos vivenciassem o perder e o ganhar. O momento de protagonista e de coadjuvante podendo reconhecer que você tem a mesma importância do outro dentro de um jogo. Proporcionou que os alunos se desenvolvessem de forma motora pela prática esportiva e cognitiva através de estratégias, planos e entendimento das regras. E ainda produziu momentos em que os alunos pudessem reconhecer suas limitações, mas, principalmente suas potencialidades.

No segundo semestre essas dificuldades foram até certo ponto superadas e nossa atuação tornou-se pouco mais tranquila, muito provavelmente em função da pequena, mas, valiosa experiência adquirida até aqui e do vínculo que conseguimos estabelecer com nossos alunos. Apesar dos fatos, não nos acomodamos e seguimos trabalhando para estarmos prontos para novos desafios.

Mesmo não tendo me desligado ainda do projeto, posso concluir que ele é muito importante e necessário a todos da licenciatura, seja para verificar se a escola é mesmo sua "praia" ou para se capacitar enquanto profissional da educação.

RELATO 16

Supervisor: Carlos Alberto Carboni

Este relato irá tratar sobre a experiência como supervisor do subprojeto de Educação Física, do PIBID. A oportunidade dentro deste programa é nova e trouxe algumas dúvidas e também novas responsabilidades.

Entre as dúvidas estão questões relativas quanto às melhores formas de intervenção junto aos bolsistas e as atividades desenvolvidas por eles. Quanto às responsabilidades estas se somam às inerentes ao trabalho cotidiano dentro da escola. Por essa razão temos que estar atentos a mais detalhes porque passamos a trabalhar como um grupo.

O programa tem objetivos bem definidos e acredito, apesar do pouco tempo em que participo dele, tem-se obtido bons resultados, visto que os bolsistas têm desempenhado seu papel de forma satisfatória e, por outro lado, os alunos têm dado boa resposta dentro das aulas. Quanto à intervenção e participação junto aos futuros colegas temos melhorado pouco a pouco o nosso diálogo visando cumprir com as demandas que se apresentam.

Uma colocação importante que precisa ser feita é com relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, que começaram a discutir com mais ênfase as três dimensões dos conteúdos nas aulas de Educação Física na escola. Sendo assim, o papel desse componente curricular ultrapassou o ensino dos temas da cultura corporal, como apenas seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental). O professor também necessita pensar nos conceitos que estão ligados aos procedimentos selecionados (dimensão conceitual) e nos valores e atitudes (dimensão atitudinal) que os alunos devem ter nas práticas corporais ensinadas (DARIDO et al., 2001).

Darido (2008) sinaliza os diversos aspectos da dimensão atitudinal dos conteúdos que podem ser desenvolvidos durante as aulas de Educação Física. Entre eles estão: valorização do patrimônio de jogos e brincadeiras em seu contexto; respeito aos adversários e colegas; resolução de problemas com

atitudes de diálogo e não violência; estímulo à participação das atividades em grupos, cooperando e interagindo, reconhecendo atitudes não preconceituosas quanto aos níveis de habilidade, sexo, religião, entre outras.

Os bolsistas têm atuado também de forma coerente com o que está colocado dentro dos PCNs, de forma que os objetivos dentro das aulas tem sido alcançados mais facilmente; claro que nem tudo funciona dentro do que é planejado, seja por resistência dos alunos, por falta de melhores recursos materiais e até de infraestrutura. Sem dúvida, fazer o planejamento como vem sendo feito facilita e consegue prever eventualidades.

As atividades desenvolvidas nas aulas ao longo do ano têm trazido novas experiências e oportunidades para que os alunos ampliem seu repertório motor e não somente isso, mas também melhorem as relações interpessoais. Este ponto tem sido observado de forma destacada nos anos iniciais, já que essa faixa etária não tem professor com formação específica em Educação Física.

Penso que com a continuidade do programa os resultados serão ainda melhores, tanto para os bolsistas, que ganham em experiência enriquecendo cada vez mais sua futura profissão, quanto para os alunos que têm se mostrado muito receptivos, o que facilita o trabalho dos graduandos. Sendo assim, o PIBID cumprirá com seus propósitos.

RELATO 17

Bolsista: Daiane Pinto dos Santos

Este relato de experiência refere-se ao trabalho realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Theodoro Amstad, com as turmas do 6º ao 9º anos, pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) de Educação Física da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), onde se assegurou aos alunos atividades práticas e teóricas visando à prática da cultura corporal. Conteúdos desenvolvidos até o momento: o jogo, esporte e lutas. Dessa forma pretende-se, com as aulas de Educação Física, que o aluno não apenas desenvolva a questão motora, mas aliado a isso desenvolva o social, emocional e cognitivo, sendo capaz de refletir, explorar, criar e recriar através dessas manifestações.

Em um primeiro momento passamos por uma fase de adaptação e observação das turmas, permitindo conhecer a realidade da escola e as práticas anteriores dos alunos. No inicio enfrentamos certa resistência por parte dos alunos na mudança das aulas de Educação Física, pois, conforme relato dos mesmos eles estavam acostumados a realizar atividades em que tinham interesse (atividades livres). Mas com o passar do tempo fomos ganhando a confiança dos adolescentes, auxiliando-nos na continuidade da nossa proposta, de uma Educação Física estruturada, planejada e com a finalidade de proporcionar as diferentes vivências e conhecimento sobre o seu corpo. Acredito que isso contribui para uma maior participação e satisfação dos alunos.

A motivação para a prática nas aulas foi realizada mediante o diálogo com os alunos. Deixamos claro os objetivos e a importância da prática de educação física no dia a dia, na manutenção e melhoria da saúde. Usamos essas estratégias em todas as aulas, para mantê-los participativos. Porém, nem sempre essas estratégias foram efetivas, pois em alguns momentos os alunos participavam das atividades propostas, sem demonstrar interesse e prazer pela prática, o que dificultava não somente o nosso trabalho, mas de toda a turma, já que as turmas são pequenas, com no máximo 15 alunos. Apesar de ter excelentes vantagens em trabalhar com uma turma menor, permitindo um acompanhamento de todos os alunos, dificulta quando alguns alunos não estão dispostos a fazer o planejado, pois reduz o quadro de alunos envolvidos nas atividades. A forma com que lidamos nesses momentos foi de passar a responsabilidade da prática, do envolvimento com a Educação Física, para o aluno, tornando-o mais maduro, reflexivo e crítico sobre suas ações.

Aliás, uma das dificuldades encontradas durante o estágio foi além dos recursos materiais escassos e o mau estado para uso: foi a falta de maturidade dos alunos. A fase da adolescência vivida pelos alunos é onde a pessoa descobre a sua identidade e define a sua personalidade, que naturalmente irá resultar na maturidade desses. Porém, são poucos alunos criando responsabilidades e agindo de uma forma mais madura e consciente. Acredito que o ambiente escolar proporcionado pela escola possa contribuir nessa dificuldade dos alunos em amadurecer. Pois a escola tem regras e normas que não auxiliam no desenvolvimento de alunos autônomos, reflexivos e críticos.

Mesmo a escola não dispondo de bons espaços físicos e de recursos materiais, foram atingidos os objetivos propostos

em aula. Notamos que é possível trazer novas propostas para as aulas de Educação Física na escola, para além do que vemos nas atividades tradicionais: futsal e vôlei e para além do fazer por fazer. A mudança na nossa prática educativa contribui em uma nova identidade para a Educação Física dentro da escola, já que essa se encontra desprestigiada por escola, alunos e sociedade. Além disso, auxilia no processo de ensino-aprendizagem e na construção de conhecimento dos alunos.

RELATO 18

Bolsista: Thaís Coutinho Toscano de Oliveira

O objetivo desse relato é compartilhar minha experiência no subprojeto do PIBID Educação Física. Atuamos na Escola Estadual Padre Teodoro Amstad duas vezes por semana, dando aulas de Educação Física para turmas de 6º ano à 8ª série, quatro turmas no total.

Ao me candidatar para a vaga de bolsista no PIBID, relatei em minha carta minhas intenções de vivenciar e conhecer a realidade das escolas públicas utilizando o esporte como forma de socialização, desenvolvimento motor, cognitivo e físico, e propagação de valores. Ao começar a conhecer as turmas pude perceber que as aulas de Educação Física não estavam auxiliando em nada os aspectos citados anteriormente.

Os alunos não se respeitavam, o desenvolvimento cognitivo e físico estavam abaixo do esperado, sendo o desenvolvimento motor muito abaixo. Ao conversar com os alunos e professores cheguei à conclusão de que isso se dava por falta de organização e valorização da Educação Física por parte da escola. O discurso nem sempre acompanhava a prática, e quan-

do teoricamente a escola teria que seguir os PCNs e pelo menos planejar aulas tendo uma progressão de acordo com a série ou ano das turmas, o que acontecia era que na prática os alunos faziam na maioria das aulas de Educação Física o que estavam com vontade. Não pareceu haver um planejamento para o ano ou para que houvesse uma progressão de série para série. Isso atrapalhou muito o desenvolvimento motor dos alunos já que a maioria se encontra em um nível rudimentar das habilidades básicas.

No início tivemos muita dificuldade em mudar a mentalidade dos alunos, que só queriam fazer a aula se a prática fosse a escolhida por eles. Houve também uma resistência inicial a atividades analíticas e globais antes do jogo/esporte em si, ou alunos queriam apenas jogar sem se importar em ter o conhecimento das regras, outro fator surpreendente.

Planejamos as aulas buscando uma progressão rápida, já que essa progressão não tinha acontecido nos anos iniciais.

A falta de habilidade da maioria dos alunos acabou fazendo com que houvesse uma evolução no decorrer das aulas, porém não a esperada para a etapa em que se encontravam. Poucos alunos se destacavam por possuir alguma habilidade motora mais desenvolvida e quando isso acontecia, normalmente era pela experiência fora da escola. Sendo assim, a escola pouco contribui para o desenvolvimento e aumento do repertório motor dos alunos. Pude perceber alunos pouco motivados na maior parte do tempo, sempre preferindo ficar à parte das atividades, muitas vezes por não se achar competentes para a prática do esporte.

Creio que a falta de estímulo nos anos iniciais gera na criança uma autoimagem negativa; assim ela leva isso para os

anos futuros e acaba inibida na prática de esportes e atividades físicas pelos insucessos. Deveria ser função do professor proporcionar uma maior diversidade de atividades, buscando sempre proporcionar novas experiências e agregar mais ao repertório motor do indivíduo. A base é muito importante para que possa haver uma progressão e um enriquecimento das habilidades motoras.

RELATO 19

Bolsista: Alexandre Rossoni da Rocha

O objetivo deste relato é transmitir e compartilhar as dificuldades, os momentos e as experiências vividas no PIBID, com enfoque na tentativa de ensinar os alunos na área da Educação Física, com base na iniciação dos esportes, principalmente esportes coletivos.

Logo que entrei no projeto e fui conhecer os alunos e a escola, tive um grande baque. As turmas com quem eu iria trabalhar eram de crianças de primeiro a quarto ano. Isso me causou uma leve estranheza, pois era esperado que fossem alunos de Ensino Médio, ou de Ensino Fundamental anos finais e não anos iniciais.

Isso prejudica muito o trabalho de iniciação esportiva, pois as crianças nessa idade geralmente não costumam praticar esportes e muito menos atividades físicas que envolvam alguma técnica mais refinada; apenas brincam o que acham legal e divertido e não se importam com mais nada. Além disso, estes alunos de escolas estaduais têm pouca oferta e

opções de atividades extracurriculares, dificultando ainda mais em relação a experiências motoras básicas.

Além disso, as crianças, principalmente as mais novas, apresentavam um atraso em seu desenvolvimento cognitivo motor muito evidente, tendo em vista que muitas nunca tinham tido educação física na vida, ou seja, não tinham estimulação desses fatores importantíssimos da aprendizagem dos esportes, que são os aspectos cognitivos e motores. Precisei fazer trabalhos específicos de esquema corporal, coordenação motora, percepção, equilíbrio, força, flexibilidade, entre outros aspectos que já deviam ter sido trabalhados minimamente na Educação Infantil. Porém, muitas crianças como elas, não têm a oportunidade de desenvolver essas habilidades essenciais para iniciar qualquer prática de iniciação esportiva.

Apesar de tudo não desanimei e fui procurando proporcionar a experiência esportiva aos poucos nas aulas de cada uma dessas turmas. Eu nunca havia trabalhado com essa faixa etária e não tinha a mínima ideia de como seria difícil, exaustivo e intrigante trabalhar com esses alunos. Ao mesmo tempo em que as dificuldades iam aparecendo, a vontade de ensinar da melhor maneira, fazer com que eles aprendessem e realmente conseguissem ter essa experiência esportiva em suas vidas foi crescendo junto.

Aos poucos, fui relacionando brincadeiras com as práticas esportivas, fui inserindo as bolas de todos os esportes que a escola tinha (basquete, futsal, tênis, handebol e tentando usufruir disso da melhor maneira possível. É claro que a qualidade desses materiais não era a melhor, o que dificultou um pouco mais; porém, fiz o que pude. Tentei trabalhar valores fundamentais para a prática esportiva, ressaltando atitu-

des coletivas, com regras de inclusão de gêneros (meninas e meninos praticando o mesmo esporte, jogando juntos e de forma igualitária), a solidariedade com os colegas, o respeito ao próximo, a alegria e a cooperação lúdica, lutando contra a individualidade extrema que a sociedade transmite e eles absorvem muito nessa idade.

Com isso, pude perceber uma evolução em cada um dos alunos que tive; todos melhoravam em algo e assim a sensação de dever cumprido e de gratificação foram aparecendo. A cada passe feito corretamente, a cada movimentação correta com base nas instruções, a confiança no trabalho ia crescendo junto. Tenho certeza que plantei uma semente em cada um deles e que algumas coisas ficaram enraizadas na vida de cada um.

Participei também de algumas atividades muito interessantes realizadas pela direção da escola, nas quais pude auxiliar na organização, realização e observação dos alunos. Eram eventos como gincanas, torneios esportivos, apresentações de coreografias temáticas, etc.

Todas estas atividades envolvendo e proporcionando integração entre os alunos da escola, professores e funcionários trabalhando juntos para um bem comum, para que tudo ocorresse da melhor maneira possível e para que os alunos aproveitassem o máximo. Isto serviu para entender melhor esse ambiente de luta diária, de dedicação incessante e de muita paciência que é a escola. Ali está o futuro de nosso povo e de nosso país e só nós, professores, podemos fazer com que estas crianças, ou a maioria delas, possam ter uma vida digna e de qualidade, construindo assim um país melhor.

RELATO 20

Bolsista: Matheus Lima Moraes

Este relato tem como objetivo refletir sobre a experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, o PIBID.

O trabalho vai retomar a chegada à escola, as primeiras impressões, as turmas que são trabalhadas, alguns temas usados nas aulas, bem como vai abordar os desafios e a experiência já adquirida durante esses meses de trabalho exercendo a docência.

A Escola Padre Theodoro Amstad está situada no bairro Passo D'Areia, mais precisamente na "Vila IAPI", muito próximo ao Centro de Saúde IAPI. Os estudantes residem, a grande maioria, na região.

É uma escola de Ensino Fundamental que pode ser considerada pequena, com um espaço físico interno muito bom; possui biblioteca, sala de informática, refeitório, salas para todas as turmas, entre outros espaços. No turno da manhã, turno em que trabalho, há uma turma por série, com exceção da oitava série, que possui duas turmas; as turmas são pequenas com uma média de doze alunos por turma. O espaço físico externo também é muito bom: possui uma quadra de futsal, outra de vôlei, também um minicampo de futebol, duas praças com brinquedos, mais uma miniquadra, e por fim, um pequeno espaço coberto, que pode ser utilizado em dias de chuva fraca. A maior dificuldade é nos dias de chuva forte. Não existe escolha, sendo a sala de aula a única opção.

O nosso primeiro dia na escola foi 8 de abril de 2014. Conhecemos os funcionários, a professora Patrícia nos apresentou a os espaços da escola e nos mostrou também as tur-

mas e os horários em que trabalharíamos. No dia 10 de abril realizamos a primeira aula com as turmas.

Trabalhamos com quatro turmas do Ensino Fundamental (1º, 2º, 3º e 4º anos) nas terças e quintas-feiras; varia a idade de 6 a 13 anos, com turmas de em média 12 alunos cada. Abaixo algumas características de cada turma:

4º Ano – Esta turma possui 9 alunos. É uma turma muito calma; a aula com esta turma acontece no primeiro período. Talvez seja por isso também que são mais calmos; mostraram até agora uma grande evolução, pois tinham inicialmente algumas dificuldades motoras.

3º Ano – É a turma mais agitada. Possui 13 alunos. A grande maioria mostra boa coordenação motora, mas muita dificuldade em manter a atenção nas atividades; rapidamente eles se dispersam; é uma turma bem difícil, pois eles também não lidam bem com o trabalho em equipe. É a turma que menos evoluiu até o momento.

2º Ano – São 11 alunos, turma também agitada, mas mais participativa quando comparada ao terceiro ano. São superativos; a aula é no último período; por isso, percebemos que eles estão mais cansados em prestar a atenção nos exercícios propostos; mostraram uma boa evolução.

1º Ano – Esta turma tem 12 alunos. São os caçulas; por esse motivo acredito que eles dão maior importância à aula de Educação Física; fazem todas atividades propostas, e mesmo sendo os mais novos, mostram menos dificuldades em relacionar-se entre si.

O exercício da docência é bem complicado, porque na verdade estudamos na graduação, os professores auxiliam, dão dicas, passam o conhecimento e o que deve ser feito. Mas quan-

do nos deparamos com a real situação, tudo fica mais difícil. As dificuldades aparecem; existe todo o tipo de aluno, os que participam, os que ajudam muito no bom andamento da aula, os rebeldes que adoram desafiar o professor, e também os que têm dificuldades de aprendizado; é então que percebemos que só exercendo a docência vamos realmente aprender como lidar com as diversas situações que aparecerão cotidianamente.

Como experiências anteriores tenho os estágios obrigatórios da graduação, e confesso que o que sempre me deixou apreensivo foi a questão de conseguir administrar meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Entretanto, como nunca tinha dado aula para essas idades, e nessa faixa etária, percebi que a maturação biológica é muito semelhante, assim como as aptidões físicas, por isso não causa grandes dificuldades nesse quesito; percebo sim, uma diferença por parte dos alunos, mas essa diferença é cultural; eles pensam da seguinte forma: meninos fazem uma atividade e as meninas outra diferente. Em minha opinião, essa é a visão dos alunos.

Outra preocupação que tinha previamente é a excessiva competitividade dos alunos nas aulas, pois sempre há uma grande reclamação por parte dos alunos com o trabalho em grupo, em reconhecer as limitações dos colegas. Essa apreensão se confirmou, e, através de jogos cooperativos e o ensino dos esportes, conseguimos melhorar consideravelmente alguns aspectos que prejudicavam as aulas.

Pude perceber o quão importante tem sido a experiência com estas crianças, pois frequentemente estamos aprendendo a lidar com situações que acontecem na escola.

Por fim, concluo que exercitar a docência tem sido importante na minha formação como professor, assim como formar um perfil de bom profissional.

Considerações finais

Ao compartilhar esta proposta desejamos contribuir para a qualificação e potencialização da formação docente, principalmente no que se refere a trazer novas práticas para a escola e reflexões sobre estas experiências.

Sabe-se que o esporte na escola ainda traz arraigado modelos e exemplos do esporte de rendimento. Nesse sentido, não é tarefa fácil para o bolsista pibidiano mudar os paradigmas deste modelo de esporte adotado no ambiente da escola até então.

Dentro do cenário acima, os relatos de experiências permitiram observar que muitas das dificuldades iniciais resultam da inquietude advinda do distanciamento do que é aprendido na universidade e a realidade prática.

Por outro lado, estas oportunidades de vivências, experiências e crescimento, trouxeram falas importantes sobre inclusão, gênero, interdisciplinaridade, aprendizagens positivas e significativas para a formação de todos os envolvidos, principalmente dos acadêmicos.

Apesar de se saber que há escolas diferentes, que podem diferenciar-se por sua prática pedagógica até a sua infraestrutura, é importante salientar que a receptividade e o acolhimento dos acadêmicos pelos profissionais e a coordenação da escola foram fundamentais para que se conseguisse atingir os objetivos nestes primeiros oito meses do programa.

Ainda que não seja o único caminho, até então, a avaliação destas experiências e destes relatos têm contribuído muito com reflexões críticas e ativas sobre a formação discente e docente. Neste contexto, a continuidade do Programa é muito importante.

Referências

ALMEIDA, M. S. G. et al. Anais do IV Simpósio de Estratégias de Ensino em Educação / Educação Física Escolar – 7 a 9 de dezembro, 2004. **Revista Especial de Educação Física** – Edição Digital n. 2, 2005.

BETTI, M. O que a semiótica inspira ao ensino de Educação Física. Discorpo: **Revista do Departamento de Educação Física e Desportos da PUC-SP**, São Paulo, n. 3, p. 25-45, 1994.

BALZANO, O. N. **Metodologia dos jogos condicionados para o Futsal e Educação Física Escolar**. Porto Alegre: Autor, 2007.

BRACHT, V. **Pesquisa em ação:** Educação Física na escola. Ijuí: Unijuí, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

BRASIL, Lei nº 9.615/98, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto, e dá outras providências.

DE MEUR, A.; STAES, L. **Psicomotricidade, educação e reeducação**. São Paulo: Manole, 1989.

FAZENDA, I. **A Interdisciplinaridade:** um projeto em parceria. São Paulo: Loyola, 1993.

FONSECA, V. **Psicomotricidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1995.

GARGANTA, J. O ensino dos jogos desportivos coletivos. Perspectivas e tendências. **Revista Movimento,** Porto Alegre, n. 8, p. 19-27, 1998.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. Iniciação aos esportes coletivos: uma escola da bola para crianças e adolescentes. In: JUNIOR, D. R. **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

KRÖGER, C.; ROTH, K. **Escola da bola:** um abc para iniciantes nos jogos esportivos. São Paulo: Phorte, 2002.

UNESCO. **Charter for Physical Education and Sport**. Paris, 1978.

VOSER, R. C. **Futsal:** princípios técnicos e táticos. Canoas: ULBRA, 2014.

ZABALA, A.; ARNAU, L. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Este caderno pedagógico tem como foco principal apresentar uma proposta metodológica e uma série de atividades práticas para o ensino do esporte no ambiente escolar. Por fim, discorre sobre as motivações iniciais e os relatos de experiências dos colaboradores deste subprojeto, ao longo destes dez meses de vivências (março a dezembro de 2014) dentro do cotidiano da escola.

ISBN 978-85-7843-763-3